



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

MARILIA GABRIELA DE LIMA SILVA

O DESASSOSSEGO DA TRADUÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
PALAVRA *SAUDADE* NA TRADUÇÃO FRANCESA DO *LIVRO*
DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO PESSOA

Campina Grande

2023

MARILIA GABRIELA DE LIMA SILVA

O DESASSOSSEGO DA TRADUÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
PALAVRA *SAUDADE* NA TRADUÇÃO FRANCESA DO *LIVRO*
DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO PESSOA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega

CAMPINA GRANDE

2023

Marília Gabriela de Lima Silva

O DESASSOSSEGO DA TRADUÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
PALAVRA *SAUDADE* NA TRADUÇÃO FRANCESA DO *LIVRO*
DO DESASSOSSEGO DE FERNANDO PESSOA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, como requisito parcial para a conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Carmen Verônica de Almeida Ribeiro Nóbrega
Prof(a). Orientador (a) - UFCG

Prof. Dr. Cleystone Chaves dos Santos
Prof (a). Examinador (a)1

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio
Prof (a). Examinador (a)2

CAMPINA GRANDE

2023

*A todos que cuidaram de mim quando eu não
tive forças para fazê-lo eu mesma.*

AGRADECIMENTOS

Escrever esses agradecimentos foi a parte mais difícil dessa jornada que concluo agora. São muitos nomes que contribuíram de inúmeras formas para a conclusão deste trabalho. Mas, antes de mais nada, devo dedicar o primeiro agradecimento à saudade, sentimento que me acompanhou durante toda minha vida, e foi forte o suficiente para resultar nesta pesquisa.

Agradeço a saudade da infância, a nostalgia gostosa que tenho ao lembrar dos sonhos e planos que minhas avós, Dona Marinalva e Dona Dulce, tiveram para mim antes mesmo de eu compreender a riqueza que tenho em mãos por ser neta dessas mulheres inspiradoras. Se fui capaz de finalizar essa etapa, foi por lembrar de todos os sacrifícios que elas tiveram que fazer em nome desse meu futuro.

A essa mesma saudade do passado agradeço por não me deixar esquecer os momentos que meu pai dedicou a me ensinar tudo que sabia, inclusive a escrever. Se hoje sou quem sou e escrevo esse trabalho, foi graças a história que o senhor me ensinou traçar. Obrigada, pai.

Agradeço também a saudade que sentia enquanto esperava minha mãe chegar das longas horas de trabalho, pois foi esse sentimento que me motivou a dar uma vida mais leve à ela. Mãe, obrigada por lidar e confiar em mim para realizar esse sonho. Espero que esse capítulo seja a porta para criar um futuro em que podemos gastar toda a saudade sentida no passado.

As minhas (muitas) tias também agradeço por auxiliarem em tudo que possível para cuidar de mim quando meus pais não podiam. Mas em especial, agradeço a minha tia Diana, que foi tia (de verdade!) e professora. Lembro com uma saudade engraçada quando subia a ladeira me carregando em um braço, e vários livros no outro. Foi ali que eu entendi que as letras também seriam meu caminho. Foi do seu lecionar que eu aprendi o meu.

Não posso deixar de mencionar uma saudade que sei que sentirei antes mesmo de acontecer. A saudade dos anos incríveis que vivenciei na UFCG, proporcionados por uma excelente equipe de professores e uma turma de colegas maravilhosa. Agradeço com sinceridade aos professores Josilene Pinheiro, Maria Rennally, Nyeberth Emanuel, Viviane Caldas e Lino Dias, a quem tive imenso prazer de ser aluna e cujos ensinamentos me auxiliaram em diversas formas para escrever essa monografia. Gostaria ainda de dedicar um agradecimento especial à professora Maria Angélica. Suas aulas me lembraram o que é aprender e me ensinaram o que é ensinar.

A minha turma do 2019.1 (mais adotados) agradeço pela amizade, pelas risadas e pelo apoio. Vocês criaram momentos que guardarei com muito carinho e saudades antes mesmo de me despedir. Agradeço a Vitória, Nally, Milena e Marcelle pelos passeios que em fotos estão

registrados no meu álbum. Agradeço a Liane, Mirelly, Thais, Virna, Marilene e Carol, cujas risadas na hora do almoço estarão sempre em minha memória. E a Letícia, a quem eu sou eternamente grata por ter sido a pessoa com quem fiz minha primeira análise sobre sentimentos: a amizade. Você será sempre o meu “*parce que c’était lui, parce que c’était moi*”. Obrigada, meninas.

Agradeço também as minhas melhores amigas. Vocês me auxiliaram no título desse trabalho, na leitura dele, e em vários outros trabalhos acadêmicos tem pedacinhos de vocês, nomes de exemplos em frases, áudios em descrições fonéticas... Mas além disso, estiveram também nos momentos de desespero e aflição. Foram vocês que me acompanharam no meu melhor e no meu pior, e me reergueram quando ficou muito difícil aguentar. Tenho saudades dos nossos primeiros anos juntas, quando não tínhamos ideia do que seríamos na vida. Ainda não sabemos, mas descobriremos juntas. Agora, finalizo essa etapa que vocês me viram sonhar e começar. É uma honra crescer com vocês. Obrigada, meu odk.

E a saudade dolorosa que sempre caminhará comigo em todos os estágios do tempo não agradecerei, mas a sentirei com desassossego. Dedico a saudade dos que partiram a melancolia desse trabalho. Sentirei sua falta em todos os momentos que olhar para o céu, e enquanto houver lua, lembrarei de ti. Sinto sua falta. Está sendo difícil desde que você partiu, mas prometo que estarei vivendo uma vida por nós dois enquanto a saudade habitar em mim. Estou lutando para seguir em frente. Obrigada por tudo, minha lua.

Para finalizar, agradeço aos professores José Herbertt Neves Florencio e Cleydstone Chaves dos Santos por aceitarem participar da banca e se interessaram pela minha pesquisa. É uma honra tê-los como parte da banca avaliadora.

E claro, agradeço com um carinho imenso a minha orientadora, que mesmo estando prestes a se aposentar, abriu mão para me auxiliar a construir essa pesquisa. Obrigada pela paciência, pela dedicação e pelas palavras de carinho e suporte que me motivaram a continuar. Espero que, como orientanda, eu tenha sido tão boa quanto a senhora foi como orientadora.

Tenho muito a agradecer e a muitos para direcionar todos esses agradecimentos. A todos que citei, e aos muitos que guardo no coração, obrigada. Tudo isso só foi possível por que vocês estiveram aqui comigo.

E como diria Fernando Pessoa, vivo esse momento com saudade dele já ao vivê-lo.

RESUMO

Tradução é um processo existente desde a Antiguidade cujo propósito parte da intenção de transportar; é o produto derivado do ato de *traduzir*, ou seja, o “fazer passar” uma língua para outra (CAMPOS, 1986). Enquanto ação intrínseca à linguagem, a tradução relaciona-se diretamente com os campos culturais da sociedade, encontrando desafios e limitações nos aspectos lexicais e semânticos. A palavra *saudade* constrói-se em torno de uma amplitude polissêmica a partir de um conceito identitário português que dificulta o processo tradutor e proporciona diferentes formas de traduzir (BRAZ, 2006). Fernando Pessoa, romancista e poeta português, descreve a saudade com particularidade em suas obras, acreditando que o dizer da saudade não encontra similaridade em outra língua. Diante disso, essa monografia é uma pesquisa bibliográfica e documental que propõe, de modo descritivo e investigativo, encontrar as formas utilizadas pela tradutora Françoise Laye para a palavra *saudade* na versão francesa da obra *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa e, investigar as implicações semânticas-culturais que essas escolhas tradutórias podem denotar. Este trabalho resulta na investigação de como as duas formas de tradução encontradas para a palavra *saudade*, em francês, são capazes de refletir as singularidades da cultura francesa e portuguesa. Foram utilizados para a pesquisa os conceitos teóricos de aproximação e distanciamento propostos por Venuti (2019), as deformações da tradução de Berman (2013), a percepção do intraduzível de Derrida (1996), entre outras teorias fundamentais sobre o lugar da tradução e a significação da saudade, dando ênfase ao culturalismo português de Fernando Pessoa. Foram encontradas, através dos produtos da pesquisa, uma hipótese para o uso de cada forma escolhida para tradução que conclui a marca semântica temporal (passado, presente e futuro) como delimitadora para as diferentes formas tradutórias.

Palavras-chave: Tradução Literária. A palavra “saudade”. Cultura Francesa. Cultura Portuguesa. Fernando Pessoa.

RÉSUMÉ

La traduction est un processus qui existe depuis l'Antiquité dont le but est basé sur l'intention de transporter; elle est le produit dérivé de l'acte de *traduire*, c'est-à-dire, de "passer" d'une langue à une autre (CAMPOS, 1986). En tant qu'action intrinsèque au langage, la traduction est directement liée aux domaines culturels de la société, en rencontrant des défis et des limitations dans les aspects lexicaux et sémantiques. Le mot *saudade* est construit autour d'une amplitude polysémique à partir d'un concept identitaire portugais qui rend le processus de traduction difficile et offre différentes façons de traduire (BRAZ, 2006). Fernando Pessoa, romancier et poète portugais, décrit la *saudade* avec particularité dans ses œuvres, estimant que le diction de *saudade* ne trouve pas de similitude dans une autre langue. Dans ce contexte, cette monographie est une recherche bibliographique et documentaire qui propose, de manière descriptive et investigative, de trouver les formes utilisées par la traductrice Françoise Laye pour le mot *saudade* dans la version française de l'ouvrage *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa et, d'étudier les implications sémantiques et culturelles que ces choix de traduction peuvent désigner. Ce travail aboutit à l'enquête sur la façon dont les deux formes de traduction trouvées pour le mot *saudade*, en français, sont capables de réfléchir sur les singularités de la culture française et portugaise. Pour cette recherche, nous avons utilisé les concepts théoriques d'approximation et de distanciation proposés par Venuti (2019), les déformations de la traduction de Berman (2013), la perception intraduisible de Derrida (1996), entre autres théories fondamentales sur le lieu de la traduction et la signification de la *saudade*, en mettant l'accent sur le culturalisme portugais de Fernando Pessoa. Grâce aux produits de la recherche, une hypothèse a été trouvée pour l'utilisation de chaque forme choisie pour la traduction qui conclut la marque sémantique temporelle (passée, présente et future) comme délimiteur pour les différentes formes de traduction.

Mots-clés: Traduction Littéraire. Le mot "saudade". Culture Française. Culture Portugaise. Fernando Pessoa.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LF	Língua Fonte
LP	Língua de Partida
LA	Língua Alvo
LC	Língua de Chegada
INI	Iniciador
TRD	Tradutor
TA	Texto Alvo
TF	Texto Fonte
CA	Cultura Alvo
CF	Cultura Fonte
R- TA	Receptor
E- TF	Emissor

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 SAUDANDO A TRADUÇÃO: TEORIAS E PERSPECTIVAS	17
2.1 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	17
2.2 A RESPONSABILIDADE TRADUTORA	23
3 SAUDOSA LITERATURA: AS RELAÇÕES E CONCEPÇÕES DA SAUDADE.....	33
3.1 SENTINDO O SENTIDO: A SAUDADE E SUAS INTERPRETAÇÕES	33
3.2 SAUDADES E A PERCEPÇÃO DO INTRADUZÍVEL.....	37
3.3 FERNANDO PESSOA E A SAUDADE DO DESASSOSSEGO	40
4 TRADUZINDO SAUDADES.....	44
4.1 AS FORMAS DA SAUDADE: A TRADUÇÃO DO LIVRO DO DESASSOSSEGO	45
4.2 L'INTRANQUILLITÉ: ANALISANDO A TRADUÇÃO DO “INTRADUZÍVEL” ...	51
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
APÊNDICE 1 - TRADUÇÃO: NOSTALGIE + ADJETIVOS.....	65
APÊNDICE 2 - TRADUÇÃO: REGRET + NOSTALGIE.....	65

1 INTRODUÇÃO

O mito da Torre de Babel é uma narrativa religiosa popularmente conhecida por seu objetivo primordial de explicar a pluralidade idiomática existente no mundo. Assim como tal alegoria, vários outros contos foram surgindo ao longo dos séculos com o mesmo intuito de ilustrar essa variedade presente na história. O fato é que, seja na antiguidade ou na atualidade, uma quantidade plural de línguas é encontrada ao redor do mundo, podendo ser oralizada, escrita ou ambos. Essa diversidade é um ponto determinante para a compreensão de sociedades culturais heterogêneas que possuem a língua como principal marcador distintivo. Contudo, as diferenciações linguísticas não se tornam empecilhos para uma troca interativa entre culturas que, mediante dois movimentos linguísticos distintos, faz surgir um processo tão antigo quanto a existência da variedade idiomática: a tradução.

A tradução é considerada uma prática milenar datada de pelo menos 196 a.c. (fundamentando-se na descoberta da Pedra de Roseta, considerada o primeiro ato de tradução registrado), cujos valores teóricos e práticos são discutidos até os dias atuais. Compreende-se, entretanto, ao menos um conhecimento básico sobre a tradução: ela é vista, primordialmente, como um processo de *transposição*, agindo como uma operação fundamental da linguagem (OUSTINOFF, 2011).

Desde então, essa prática começa a ser visualizada a partir de diversos olhares que a apresentam não somente como ação, mas como objeto de estudo. Segundo Nóbrega (2014), o ato de discutir tradução começa aproximadamente por volta de 46 a.C, com Cícero na Roma Antiga, porém “é somente a partir da segunda metade do século XX, com Holmes, em 1972, que definiu seu campo de estudo, que ela emerge como uma disciplina autônoma, interdisciplinar e como um campo de estudos internacional” (NÓBREGA, 2014, p. 48). A desenvoltura dos estudos nessa área auxiliaram a construir um trabalho de produção e análise mais assertivo, significativo para a compreensão aprofundada de uma língua (como signo) e sua interação com outros meios linguísticos.

Entendemos, portanto, uma motivação presente no ser humano de buscar realizar e compreender a tradução como um fator inato da linguagem, de modo que, como explica Azenha (2007) ao afirmar que o fascínio “que sentimos por conhecer aquilo que não nos é próprio, para dele nos apropriarmos, é a mola propulsora do traduzir e da reflexão sobre essa atividade, cujas origens se perdem no tempo” (AZENHA, 2007, p. 9).

As concepções de tradução e suas características nos vêm sendo apresentadas em períodos distintos. Ela deve ser entendida como um meio de ligar vários sistemas literários e culturais. Entender o que é traduzir evoca um aglomerado dessas visões que podem ser atribuídas à palavra, as quais vão depender de qual corrente teórica se está utilizando para abordar o objeto de estudo, como afirmam Zipser e Polchlopek (2011). Ainda assim, podemos partir de um princípio que assume a tradução como “o ato de traduzir”; chegando então em um contexto morfológico da palavra traduzir que, originada do latim *traducere*, significa “conduzir ou fazer passar de um lado para outro”. Esta afirmação nos cabe a noção de que traduzir é a relativa passagem de uma língua para outra, usualmente interligada à escrita (ZIPSER, POLCHLOPEK, 2011).

Há, entremeio a construção de tradução, um ponto chave para compreender os estudos tradutórios e as problemáticas envolvendo este campo de pesquisa; este recai sobre a concepção de língua e sua condição intrínseca à realidade cultural existente nas estruturas idiomáticas. Se a existência plural de línguas demarca uma existência também plural de culturas, é válido afirmar que a língua carrega, portanto, uma porção imprescindível de cultura. Este pensamento desencadeia uma hipótese linguística¹ que adota o princípio da relatividade de Einstein e traz para a linguagem a perspectiva de que o sistema da língua influencia o que chamamos de “visão de mundo” (SAMPAIO, 2018).

Tendo isto em vista, a tradução desenvolve uma função importante em seu exercício, considerando que seu campo passa a envolver não exclusivamente a língua, mas a cultura a ela inerente. Traduzir leva em seu processo as unidades de pensamentos culturais e as unidades linguísticas presentes em um sistema, o que torna o movimento de “passagem” mais complicado e gera, constantemente, divergências teóricas sobre o “como traduzir” (OUSTINOFF, 2011).

É partindo da dificuldade que se encontra no ato de traduzir elementos específicos de uma sociedade que palavras como “saudade” são comumente associadas à intraduzibilidade.

A significância da palavra saudade manifesta um longo caminho de pesquisas e teorias que divergem entre si tanto sobre o seu sentido, quanto sua origem morfológica. Essa unicidade gerou uma ligação direta com a sociedade portuguesa, considerando sua existência singular na língua (MORETTINI, 2020). Muitos estudiosos da área associam esse sentimento como uma especificidade de Portugal, envolvendo um coletivo de sentimentos universais que colidem em

¹ A hipótese linguística aqui mencionada refere-se a teoria “Sapir-Whorf” originada da obra de Benjamin Lee Whorf, *Language, Thought and Reality*. de 1956

uma característica do povo português. O sentimento saudoso, a saudade portuguesa em si, expressa um conjunto de alegria, melancolia e dor, algo que Morettini (2020) define como um “modo de existir”, o qual “cria e desfaz os laços da afetividade” (MORETTINI, 2020, p. 107).

Sendo assim, a saudade torna-se um elemento particular que expressa algo além do ato de “sentir falta”, principalmente quando exploramos a melancolia nela presente e seu uso na literatura de Fernando Pessoa, poeta e romancista português que faz uso recorrente da saudade em suas obras. Em seu livro intitulado *Livro do Desassossego* (2019), o autor recorre a tal palavra para salientar esse espectro de desconforto, solidão e de inquietude, em uma narrativa dividida em partes.

A primeira parte, intitulada *O diário de Bernardo Soares*, sendo Bernardo Soares um heterônimo de Pessoa, é um relato desse pseudônimo do autor sobre seus dias passados em Lisboa como ajudante de guarda-livros. É uma reflexão complexa acerca da sua percepção do mundo, da condição humana e da desesperança espelhada nessa realidade. A narrativa é dada através de uma estrutura epistolar, valendo-se de uma escrita diária, ainda que não datada, para desenvolver uma imagem da vida de Bernardo Soares, protagonista dessa história, e todos aqueles que cruzaram seu caminho, seja em realidade ou em pensamento.

Existe ainda, como escrita complementar, uma segunda parte trazida pelo livro, intitulada *Os Grandes Trechos*, nos quais encontramos pequenos contos, cartas e escritos de Fernando Pessoa, não necessariamente atuando como Bernardo Soares, mas cujos pensamentos evocam diálogos com a história criada anteriormente e que auxiliam na compreensão do livro como um todo.

Devido a esta condição única da obra, o objeto de estudo presente neste trabalho é a palavra *saudade* no *Livro do Desassossego* (2019), de Fernando Pessoa, especificamente a primeira parte narrativa do livro (*Diário de Bernardo Soares*), e a sua versão francesa *Le livre de l'intranquillité* (1999), com tradução de Françoise Laye. Trabalharemos então com o uso do par - linguístico (isto é, o par existente entre língua fonte, aquela da qual se traduz, e língua meta, aquela para qual se traduz) português-francês, observando principalmente o movimento tradutório ocorrente com a palavra *saudade*.

A escolha do capítulo epistolar em questão, como obra material para a análise do uso da palavra objeto, surgiu da sua abordagem sentimentalista e poética contida em uma forma de escrita de Fernando Pessoa, a qual não é tão popular entre os brasileiros, tendo em vista que ele é mais conhecido como poeta do que romancista. A popularização do autor como poeta no Brasil não deixou tantas margens para um aprofundamento na literatura em prosa por ele construída, ainda que igualmente importante para a área de letras. Deste modo, as atenuações

da escrita pessoana contidas no decorrer do *Diário de Bernardo Soares* trazem uma ênfase para a palavra *saudade*, representando a origem portuguesa acima de tudo, que destoam a escrita de Fernando Pessoa e evidenciam o lado romancista do autor; o aproveitamento dessas duas características como forma de propagar o conhecimento sobre o escritor foi a principal motivação para a escolha deste capítulo para a análise.

Tendo em vista os encargos semânticos atribuídos a palavra *saudade* na obra analisada, e as variedades tradutórias existentes, esta pesquisa busca responder ao questionamento geral sobre quais formas tradutórias podem ser encontradas para a palavra *saudade* na versão francesa da obra-objeto, e quais implicações semânticas essa escolha tradutória concede a obra traduzida. Objetiva-se, portanto, identificar quais são essas formas tradutórias escolhidas por Françoise Laye na tradução francesa da obra, buscando descrever o que a saudade representa na obra de Fernando Pessoa e, como trabalho consequente, investigar como as escolhas tradutórias refletem a concepção da palavra na condição aproximada ou distanciada daquela proposta na obra original.

Justifica-se o trabalho aqui apresentado a partir do desejo de compreender com mais afinco a visão de mundo presente na língua portuguesa e sua relação interlingual, isto é, a operação linguística ocorrente entre dois idiomas (JAKOBSON, 2010), quando trabalhada com a língua francesa, através de um processo de tradução que visa não somente a palavra, mas também o sentido. Compreender as particularidades da língua é compreender também aspectos da cultura que são carregados conjuntamente com a construção do signo. Através da literatura, é possível encontrar essa relação de forma mais acessível, de modo que esta pesquisa é incitada pela possibilidade de propagar conhecimento sobre as especialidades do português, explorar as formas de visão de mundo por meio da tradução, e evidenciar o papel da literatura nesse intermédio.

Quanto ao procedimento metodológico, observa-se primordialmente os aspectos bibliográficos e documentais da pesquisa, na qual a leitura do material selecionado é, além de teoria, o instrumento base do estudo (CHIZZOTTI, 2003). De acordo com este preceito, os dados analisados partirão de uma retirada de trechos da obra original portuguesa, e trechos da sua versão traduzida; o trabalho de pesquisa e análise será feito a partir da comparação linguística destas duas obras, comparando o uso de terminologias e significados. Para a realização de tal investigação será utilizado um repertório de material teórico sobre tradução que envolve nomes como Antoine Berman (2013), Lawrence Venuti (2019) e Jacques Derrida (1972). Outros nomes serão aproveitados nessa pesquisa para investigar não somente aspectos tradutórios, mas semânticos, da aplicação da palavra *saudade* na literatura, visando

compreender os fenômenos ocorrentes no processo de tradução.

Esta monografia, portanto, organiza-se em três sessões. A sessão intitulada “Saudando A Tradução: Teorias E Perspectivas” visa apresentar as teorias e perspectivas tradutórias, introduzindo os fatores principais para os estudos e o fazer tradutor. Em seguida, a sessão intitulada “Saudosa Literatura: As Relações E Concepções Da Saudade” tem por objetivo destacar a palavra saudade e a sua influência literária, principalmente sob o autor da obra estudada; introduziremos seus conceitos a partir de uma carga teórica analítica da presença da palavra na literatura e nos estudos morfológicos. Dando continuidade a tais descrições, a terceira e última sessão, que recebe o nome de “Traduzindo Saudades”, inicia o processo de apresentação e análise dos dados de pesquisa, buscando identificar as formas tradutórias e suas variações na sua condição formal de língua, isto é, sua apresentação direta do signo em seu estado morfológico e sintático. Além disso, é também nesta última divisão que buscamos entender, por meio de uma análise, as escolhas e usos tradutórios através do contexto semântico estipulado pela interpretação textual da tradutora. Para finalizar, organiza-se uma breve consideração final sobre o conjunto tradutor, a significância da palavra saudade e as possíveis visões de mundo permitidas pela tradução.

“A possibilidade da tradução, assim, impossibilita a sua perfeição. E aqui, na impossibilidade de traduções perfeitas residem

as possibilidades para o tradutor.” (JAHN, 1956)

2 SAUDANDO A TRADUÇÃO: TEORIAS E PERSPECTIVAS

Os princípios que regem uma tradução seguem um histórico de formação dependente do caminho teórico que o tradutor ou o crítico tomam para dar continuidade ao seu trabalho. Tendo isso em mente, este capítulo visa percorrer um percurso básico das teorias tradutórias regentes no processo de análise, buscando compreender as perspectivas possíveis nos estudos da tradução, assim como entender o papel do tradutor perante essas correntes teóricas. Vale também apresentar neste capítulo um breve panorama dos limites da tradução como um fazer linguístico-social.

2.1 OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

A tradução é um processo de ocorrência significativa na sociedade desde os primórdios do desenvolvimento humano. Acredita-se que o ato de traduzir exista desde séculos antes de Cristo, tendo relatos próximos de quando a civilização romana começa a receber a literatura grega a partir das traduções de Lívio Andronico - um escravizado grego que, devido seu vasto conhecimento cultural, passou a ensinar as crianças latinas a partir de traduções. Mediante este momento, iniciam-se os primeiros pensamentos críticos sobre tradução, identificando a dicotomia entre *traduzível* e *intraduzível* (no campo amplo), e entre *tradução palavras por palavras* e *tradução por sentido* (no campo específico) (BERGMANN, LISBOA, 2013).

Retomando um pouco para compreender a tradução a partir de uma vivência histórica, percebemos que há uma ambiguidade na sua recepção popular antes de mais nada. Traduzir não deve ser entendido somente como o processo escrito, tendo em mente que essa ação é uma operação inerente à linguagem como totalidade, e como tal, pode ser manifestada em diversas formas; a escrita pode entendê-la como produção majoritária, porém sua existência oralizada, ou seja, a interpretação, também é uma realização comum. As próprias narrativas religiosas, estas em primeiro momento oralizadas, foram fundamentais para a construção do pensamento tradutor (OUSTINOFF, 2011).

Para Lima (2016), “ao observarmos a própria História da Tradução, percebemos que ela foi construída, dentre outros elementos, pela tradução de textos religiosos; incluindo a da

Bíblia” (LIMA, 2016, p. 11). No mundo ocidental, os primeiros indícios de tradução foram dados a partir de textos bíblicos, dos quais podemos encontrar uma variação linguística muito ampla construída através dos séculos e das culturas nas quais a religião se inseria. Logo, os primeiros métodos, modelos de crítica e pesquisas em tradução foram resultados desse trabalho iniciado há mais de dois mil anos. As discussões surgidas pelas diversas versões tradutórias foram cruciais para o desenvolvimento do pensamento tradutório; é desta forma que a tradução da Bíblia e de outros textos religiosos instigou as discussões sobre a traduzibilidade e a intraduzibilidade de um texto.

O primeiro ponto de discussão direcionando o olhar para a tradução é sua conceitualização como percepção geral. Muitos autores chegam a discorrer sobre as múltiplas definições dada a tradução, justamente por seu ponto de origem ser diversificado. Traduzir é um verbo definido pela ideia de condução, explicação, ou, principalmente, transferência; com a popularidade da concepção de transferir um código para outro código (uma língua para outra língua), surge o termo “tradução” significando o ato de traduzir. Entretanto, pensar em tradução somente a partir do signo, não cumpre todas as características que abrangem esse processo, isto porque, a própria forma morfológica e sintática do signo não é capaz de se manter estável e imutável. A impossibilidade de perceber tradução através, unicamente, dessa esfera é justificada por Oustinoff (2011) pelo caráter linguístico, cuja língua não atua como “um simples instrumento, uma operação intransitiva do pensamento e a sua expressão” (OUSTINOFF, 2011, p. 21)

Os questionamentos sobre a exclusividade dos princípios estruturais associados com a tradução intensificam em um intuito de alcançar toda a abrangência que envolve o ato de “passagem” da língua. Quando percebe-se que o processo de tradução não está intrinsecamente relacionado ao código, tendo em vista a instabilidade deste último, uma nova vertente de pesquisa dá-se início, buscando referir a tradução a partir da compreensão geral da língua e da linguagem (assim como a produção desta) (BERGMANN, LISBOA, 2013).

Desenvolve-se então um novo passo na história da tradução: os princípios semânticos são adicionados no pensar e no fazer tradutório como uma singularidade da língua. O sentido é posto como prioritário, estipulando um local preferencial à compreensão geral de uma sentença (ou de um texto como todo) em pró de se fazer traduzir. Nessa perspectiva, como afirma Bassnett (2005), encontrar uma equivalência entre a língua de partida e a língua de chegada torna-se uma problemática que culmina em uma ramificação de três tipos de tradução: a intralinguística, a interlinguística, e a intersemiótica.

Jakobson foi o pioneiro em apresentar esses três modelos na obra *Linguística e comunicação* em 1958, entendendo que a extensão da tradução compreende em seu todo não apenas a relação entre duas línguas distintas, mas também esta (a língua) em diálogo consigo mesma. Compreendemos então, em primeiro lugar, o intralinguístico como aquele cujo um único idioma trabalha como agente e receptor da tradução; isto é, quando, em um processo da fala, utilizamos a mesma língua para explicar algo já dito. A definição proposta por Jakobson (2010) propõe uma expressão de reformular um dizer, podendo ser este partindo do próprio falante, ou deste com um outro. Tomemos como exemplo desse fator de reformulação o professor que explica ao aluno um conteúdo apresentado em um livro didático. Os dizeres do livro estão no mesmo idioma falado pelo professor, porém, para que haja um fator de explicação, de compreensão eficaz por parte do aluno, o mestre utiliza-se da língua, organizada de outra forma, para esclarecer aquele dito pelo material. Este ato é o que chamamos de tradução intralingual.

Ao interlingual conceitua-se uma perspectiva oposta; sob este modelo, Jakobson (2010) desdobra o que conhecemos e pensamos comumente ao ouvir sobre tradução, aquela à qual envolve-se duas ou mais línguas. Para esse conceito compreende-se a carga de transferência linguística e literária que acontece no processo de transferências ao envolver dois códigos diferentes; são esses encargos atribuídos à tradução interlingual que propulsionam vertentes de pesquisa sobre os procedimentos da tradução. Barbosa (2007) determina treze categorias destes procedimentos, utilizando recursos teóricos de métodos e concepções tradutórias que compreendem diferentes campos da linguística.

Considero, em minha proposta, um total de treze procedimentos, a saber: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência – que engloba o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação – a explicação, o decalque e a adaptação. (BARBOSA, 2007, p. 34)

Segundo Guimarães (2019), “os primeiros teóricos a categorizar os procedimentos técnicos da tradução foram Vinay e Darbelnet baseados na linguística saussuriana” (GUIMARÃES, 2019, p. 12), e foram eles que apresentaram uma ideia formulada sobre o que seria uma tradução palavra-por-palavra, aquela cujo traduzir mantém uma estrutura sintática e vocabular idêntica ao original, e uma tradução que não seguia a literalidade do original. Essa concepção desenvolve o que Barbosa (2007) nomeia “tradução literal”; neste procedimento a fidelidade semântica é mantida, diferenciando somente em formas gramaticais.

Transposição, modulação e equivalência correspondem a uma sequência que se vale de modificações durante a tradução. A primeira, como indicado pelo próprio nome, faz uma modificação que transpõe algumas categorias gramaticais, a exemplo da utilização de pronomes de complemento. Por outro lado, a alteração feita pela modulação acontece de acordo com a percepção que a língua possui sobre determinada situação; ela atua tanto como um processo obrigatório quanto facultativo. Por último, a equivalência exerce um papel de muita relevância no meio tradutório; pensar em equivalência é pensar na aproximação de uma tradução ao seu texto original (GUIMARÃES, 2019).

Destacamos aqui a definição de equivalência por ser uma das técnicas de tradução que mais se discute neste campo de pesquisa. Isto porque, segundo Fujihara (2010), o conceito de equivalência não possui uma padronização, variando em perspectiva segundo autores como Nida (1964), que apenas traz equivalência como uma forma de traduzir a partir do sentido pelo sentido, Catford (1980), que distingue o que seria equivalência textual de correspondência formal, e Toury (1995), que enfatiza a cultura do receptor para o fazer tradutório.

Portanto, em termos gerais, a equivalência trata-se da crença de que, ainda que as línguas possuam suas distinções e individualidade, há uma possibilidade de que o dizer de um idioma relacione-se em mesmo valor ou função semântica (ou como mensagem ao todo). Entremedio a esta teoria tradutória, encontra-se ainda uma abordagem na qual o método que percebe a língua a partir de visões de mundo refuta: a equivalência natural. Esse tipo de abordagem toma por base o princípio de que toda língua já possui um rigor semelhante (em caráter linguístico ou cultural) antes mesmo da tradução, de modo a não considerar a tradução como uma “traição”. Além do mais, essa teoria afirma também que fazer o direcionamento da tradução (de uma língua A para língua B, ou de língua B para língua A) não cria nenhuma alteração na tradução (PYM, 2017).

Discutir esse pensamento envolve muito mais que linguismo, pois a vivência e a compreensão de língua como visão de mundo é posta de lado para dar espaço a uma relativização do sentido. É importante ressaltar ambas as metodologias para compreender a complexidade que existe no caminho da tradução, ainda que, neste trabalho, a pluralidade e unicidade sejam de primordial destaque quando referenciados a língua.

De certo modo, essas percepções repercutiram na área de estudo, e se expandiram em outras conjecturas que dividiram opiniões sobre o fazer tradutor. Concepções como o estrangeirismo e a domesticação, que iremos discutir aqui futuramente, foram pensamentos desenvolvidos em nome da tradução interlingual.

Para finalizar os três métodos propostos por Jakobson (2010), a semiótica é incluída no pensar tradutório e faz surgir a intersemiótica. Nesta perspectiva, a relação signo verbal para signo verbal é posta de lado, e dá-se espaço para campos nos quais a forma de signos não verbais podem ser também uma tradução. Romãs, filmes, teatros, fotografias, todos são elementos que passam por uma transcodificação que se distinguem em formatos. A proposta intervém em nome da recriação criativa, podendo ser assim mais associada com a ideia de adaptação do que de tradução de fato.

A interpretação parece ser um ponto recorrente no compreender da tradução. Independente do método utilizado, para exercer a função de traduzir, é necessário reconstruir pontos de vistas, percepções do sentido, interpretações do que se é tido como objeto fonte para tradução. Se tomarmos por base as perspectivas teóricas que a entendem como um trabalho muito mais além do que somente a forma, o sintático, e a compreendem completamente pela ênfase no sistema semântico e na construção de sentido, então devemos ter em mente que, de certo modo, a tradução é subjetiva.

A subjetivação aqui exposta não é, por completo, negativa. Em sua realidade, é somente uma forma de reconhecer as entidades humanas que caminham entre a passagem entre línguas. Quando nos referimos a esse ponto estamos destacando nada mais nada menos que as culturas que transitam no momento de transferência linguística. A tradução, por si só interligada aos diversos campos da linguagem, não abdica de modo nenhum a consciência cultural que existe na formação de um idioma. Em consequência, o lugar no qual a tradução habita reside uma gama de meios e costumes que devem estar ao alcance da capacidade perceptiva do tradutor.

De acordo com Umberto Eco (2007),

Uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo (ECO, 2007, p. 190)

Compreendemos, a partir dessa afirmação, que há uma inerência interdisciplinar entre o funcionalismo tradicional da tradução (cujas transformações sintáticas são muito mais evidenciadas) e as correspondências semânticas pretendidas pela mensagem textual. Com isto, a cultura passa a ser uma determinante linguística para o fazer tradutório. Destacamos ela de acordo com o pensamento único proporcionado por uma realidade experienciada refletida através de idiomas os quais, como línguas de própria visão de mundo possuem “sua própria ‘decupagem’ da realidade, essas correspondências são sistematizadas.” (OUSTINOFF, 2011

p. 27). Isto implica dizer que cada língua porta uma bagagem cultural que é refletida por meio linguístico e faz com que a tradução ocorra de um modo não tão verossímil quanto em termos de sistematização linguística.

A produção da tradução, portanto, passa a ser dependente de um contexto específico para situação de desenvolvimento de certo texto. Pensamos nela como um processo comunicativo que envolve uma situação referencial para que aconteça. Esse processo envolve um iniciador, aquele do qual parte o intuito de se ter uma tradução de um texto, um texto alvo, aquele do que se vai traduzir, um tradutor, e um público receptor determinado. Por esta razão que, para Baker (1996), as conjecturas em que são realizadas as traduções são dependentes de contextos, objetivos, limitações e motivações diferentes que as transformam em elementos únicos de uma criação.

Existem dois elementos primordiais que integram a concepção de um fazer tradutório subjetivo: o tradutor e o público alvo. Isto porque uma ação tradutória se desenvolve a partir de um esquema no qual Nord (2016) descreve sob a seguinte caracterização:

Um processo de ação tradutória é geralmente iniciado por um cliente ou “iniciador” (INI), que contrata um tradutor (TRD), uma vez que ele necessita de certo texto alvo (TA) para um destinatário ou receptor determinado (R-TA).³ Pode também acontecer de precisamente ser o iniciador quem queira entender na língua alvo (LA) um determinado texto fonte (TF) escrito em uma língua fonte (LF) por um autor inserido em uma cultura fonte (CF), ou ainda transmitido por um emissor desta língua fonte (E-TF). (NORD, 2016, p. 21)

Utilizaremos, neste trabalho, as siglas apresentadas por Nord (2016) como fonte de norteamento quando pensarmos nos significantes, significados e tentarmos entender as escolhas tradutórias que foram tomadas em determinados momentos. Vale destacar, conjuntamente, que os termos de uso priorizados por teóricos da área exploram termos como língua fonte (LF), ou língua de partida (LP), e língua alvo (LA) ou língua de chegada (LC) para constituir as explicações de análise tradutória; outro fator de necessário destaque é a flecha simbólica que indica a transferência linguista passível de ocorrência. Estes termos e simbolizações surgiram a partir de um processo lento de reconhecimento da tradução como uma ação passível a teorização e análises.

Quando Torres (2004) afirma que “o ambiente da tradução é constituído, principalmente, da seleção da tradução, dos editores e de outros intermediários do livro, dos tradutores e das restrições da tradução em função do sistema cultural de chegada e dos textos de referência” (TORRES, 2004 p. 52), o contexto publicitário do processo de tradução é posto em evidência, demonstrando todo um percurso que deve acontecer para a concretização de um

produto tradutório. Essa ressalva abre portas para os estudos da tradução acontecerem visando três pontos distintos: o ponto de descrição (como se traduz?), de prescrição (como se deve traduzir?), e de teoria (o que é traduzir?). Diante disto, todos os elementos de interferência na tradução foram considerados relevantes para estudos e várias pesquisas sobre o fazer tradutor começam a serem desenvolvidas firmemente posicionadas como matérias de crítica.

Refletir sobre tradução não é um fato recente. Desde há muito tempo, vários estudiosos discutem a sua importância para a sociedade, visto que ela, ao longo do tempo, tem nos permitido o acesso a várias culturas e a concepções de mundo e de linguagem (ens) de períodos diversos, colocando-nos em contato direto com o pensamento de uma época (NÓBREGA, 2014). Entretanto, é somente nas décadas de 80 e 90 que dão-se início aos estudos tradutórios no Brasil.

A tradutologia se instaura no país séculos depois do seu surgimento e recebe o título de “estudos da tradução”, chegando a ser trabalhada inclusive em ambiente acadêmico. É por meio de avanços comerciais e necessidades no mercado jornalístico que a tradução passa a ser reconhecida no Brasil, abrindo portas para pesquisas do fazer tradutor e de análise comparativa. Através destes estudos, foi-se (e ainda é) possível compreender as nuances que percorrem entre as línguas e valorizar as individualidades culturais que cada uma carrega consigo.

Um outro fator importante que se desenvolveu a partir da chegada dos estudos tradutórios no Brasil, foi o reconhecimento profissionalizante que se deu ao tradutor. A partir dessa validação, o tradutor passa a ser visto como atuante principal no fazer tradutório e é legitimado também como autor. Assim, a profissão assume um novo critério em sua produção, atribuindo uma responsabilidade quanto à tradução.

2.2 A RESPONSABILIDADE TRADUTORA

Durante muitos séculos o processo criativo, seja ele literário, visual ou outro, não era visto como um material de valor. Sendo assim, a autoria de textos e obras não eram regidas por uma fiscalização ou eram identificadas como relevantes para a publicação e difusão de seu conteúdo. Consequentemente, a tradução não possuía nenhum atributo de valorização como atividade de pertinência ao público. Ainda hoje, anos depois da reestruturação do conceito de autoria na sociedade, o tradutor continua como alvo de apagamento no meio em que atua.

Desta forma, em inúmeros casos da literatura na modernidade é possível encontrar um desvelamento de dizeres em obras muitas amplamente conhecidas. De acordo com Oustinoff (2011), era comum tradutores se apropriarem da fala de autores, considerando seus dizeres e

os dizeres do autor de um texto original como equivalentes, ou um mesmo dizer. Essa prática acontecia em um caminho de via dupla, podendo considerar o tradutor como autor original ou o autor como dono de falas do tradutor. Isto ocorria pela inexistência de um princípio natural para reger o processo tradutor.

Quando a tradução torna-se um objeto de estudo e iniciam-se os pensamentos sobre as suas três dimensões (as diferenças e parentescos da língua, a traduzibilidade e intraduzibilidade, e restituição do discurso e reescritura da letra)², entra em pauta questões que discutem o papel do tradutor na ação do traduzir. Destacando o movimento chamado de “visada tradutória³”, conceito este apresentado por Berman, os princípios que permeiam a tradução deixam de enxergar uma oposição entre a abordagem palavra por palavra e a tradução palavra pelo sentido. A visada em si referencia uma priorização pela manutenção do sentido, mas não somente dele: da beleza estrutural da língua também.

A França, a partir de uma valorização da língua francesa (nesta época, aproximadamente entre os séculos XVII e XVIII, havia um enaltecimento do francês como língua “exemplar”, de gramática e cultura considerada culta) (MACEDO et al, 2017), desenvolve um formato de tradução que se estabeleceu firmemente no país como um modo privilegiado de escrita. As *belles infidèles*, como ficaram conhecidas as traduções literárias que seguiram esse método, ganharam reconhecimento pelo seu favorecimento da língua e da cultura francesa sob a forma do texto original. O sentido também é o principal motivador dessa perspectiva, embora que muitos críticos indaguem se a mensagem manteria sua essência se traduzida desta forma. A tradução que seguia esse método estipulava uma visão clara sobre regras estilísticas e estruturais de produção.

Ao contrário dos conceitos como hoje são entendidos, os escritores franceses dessa época praticavam a tradução segundo as regras modernas estilísticas e de eloquência impostas pelas instituições de bom gosto a partir de modelos antigos, dos quais se mantinham os efeitos (POPPI, 2013, p. 34)

A técnica recebeu o nome de *les belles infidèles* por uma concepção comumente atribuída à tradução literária: a traição. Por muito tempo acreditou-se que a passagem de uma língua a outra era uma forma de traição com a cultura da obra original. A ideia intensificou-se com o modelo tradutor da França que comumente alterava o texto fonte (TF) de acordo com a

² As três dimensões da tradução são conceitos apresentados por Antoine Berman (2009) em seu texto intitulado *A tradução e seus discursos*.

³ Podemos entender a “visada tradutória” como aquilo que o tradutor almeja e considera como objetivo em seu trabalho. É um conceito geral e pode ser atribuído com a ideia de “meta” de um profissional da tradução.

cultura alvo (CA). Gilles Ménage (1613-1692) é o primeiro a utilizar o termo *infidèles* para o método e justifica o uso justamente pela consideração de que as traduções possuíam uma infidelidade para com o TF em favor de uma beleza estética, de um público alvo e de uma língua de chegada.

O pensamento voltado para um público alvo é precisamente a razão do início da tradução francesa seguir o caminho das *belles infidèles* considerando que a população do país enxergava a literatura de alto nível aquela que conseguia atingir suas expectativas quanto à língua. Como discutido anteriormente, derivou-se desse entendimento o processo de tradução publicitário que conhecemos nos dias atuais. Sendo assim, podemos afirmar que é durante esse período que a idealização existente entre o idealizador, o tradutor e o receptor ganha força na área da tradutologia.

Retomemos o processo de tradução básico mencionado anteriormente que toma por fundamental um emissor (E-TF) que representa toda a cultura fonte (CF) de um determinado texto e sua relação entre essa cultura inicial e uma cultura até o momento estrangeira. Nessa situação, há um determinado receptor que estará, seja por interesse ou por outras razões, apto à leitura daquele material. Com esta situação, cabe ao tradutor fornecer um diálogo significativo entre os dois materiais, de modo que um objetivo, um pré-estabelecido pelo iniciador (INI), seja cumprido devidamente na tradução. Como resultado, o TRD recebe um papel que, conseqüentemente, desencadeia uma responsabilidade para com o texto e com o público alvo.

O iniciador possui um papel importante sobre o processo tradutório, tendo em vista que partem dele os objetivos e as visões de mundo desejadas com a tradução. Porém, é necessário destacar que embora ele possua essa relevância inicial, o tradutor é quem acata o maior peso e responsabilidade durante o ato de traduzir. É ele que toma as decisões textuais de adaptação da língua, e é dele que parte a interpretação da obra em ambas as culturas em destaque.

Embora o iniciador seja aqui apresentado como a pessoa que efetivamente define o skopos do TA (mesmo que não seja capaz de formular um encargo concretamente), a responsabilidade pela tradução estará sempre com o tradutor. É o tradutor que, sozinho, tem a competência para decidir se a tradução que o iniciador pede pode realmente ser produzida a partir de um determinado texto fonte — e, em caso afirmativo, de que forma, ou seja, mediante quais procedimentos e técnicas ela seria mais adequadamente produzida. Concluindo, é o tradutor, e não o iniciador, o especialista em tradução (NORD, 2016, p. 29)

A responsabilidade do tradutor vai além do que se espera de um iniciador, mesmo que

este seja quem define os objetivos para o resultado. Isto porque, cabe somente ao tradutor fazer as escolhas que se encaixam precisamente com o diálogo desejado entre o autor, a obra, e o leitor. Em detrimento disso, destaca-se então o fator de escolha no processo tradutor; uma mesma obra, traduzida por diferentes profissionais, podem obter diferentes resultados de tradução. Pensamos nessa concepção decorrente da arbitrariedade do signo e na pluralidade dele como significante.

Essa responsabilidade então desencadeia um princípio questionado da dualidade metodológica da tradução, (isto é, o método de tradução através unicamente do signo, ou unicamente do sentido), tendo em vista os usos das *belles infidèles* e da sua oposição, a tradução *mot par mot*⁴. A fidelidade do texto quanto ao traduzir sempre foi pauta nos estudos da tradução, porém, no período da virada tradutória⁵, a relação de aproximação e distanciamento do TF desenvolveu-se com significância no conjunto da tarefa do tradutor (MACEDO et al, 2017).

Segundo Venuti (2019), a língua não pode ser descartada como um composto indiferente à relação de poder existente na sociedade. Assim como o francês carregava um prestígio em favor da valorização da França, as traduções refletiam essa postura cultural de elevação. Sendo assim, quando o tradutor decide seguir um caminho na sua tradução, ele está assumindo um papel que espelha um ideal, mesmo que ele tente manter uma imparcialidade.

O tradutor exerce uma função criativa para com o texto. Ele, segundo as informações comunicativas situacionais, torna-se tanto um receptor do texto fonte, como um produtor do texto alvo. Ainda que a visibilidade do TRD seja constantemente diminuída e apagada dos seus trabalhos, é mais do que necessário ter em mente que parte dele está presente no produto final, diretamente ligada às escolhas feitas durante o processo. Nord (2016), denomina essa “co-autoria” sob um aspecto de produção invisível, tendo em vista que “do ponto de vista do emissor, o tradutor pode ser comparado a um escritor--fantasma, que produz um texto a pedido e para o uso de outrem” (NORD, 2016, p. 39).

Por outro lado, destaca-se que nem sempre a recepção do tradutor será voltada virtuosamente por um interesse sobre a leitura. A leitura do tradutor é diferenciada, tendo em vista que seus objetivos próprios para com o texto tendem a ser voltados com o olhar do outro, daquele receptor que irá ler o texto com interesses claros. Desta forma, quando expressamos

⁴ Do francês, Palavra por palavra

⁵ Consideramos aqui como “virada tradutória”, os períodos de mudanças consideráveis no pensamento tradutório, também chamadas por Wolf (2022) de “virada performativa”. Nesse contexto em específico, nos referimos às mudanças nas perspectivas do século XX.

que o TRD se coloca no texto, a seu modo, também devemos compreender que suas interpretações são interligadas ao pensamento alheio de uma cultura alvo.

Se nos encontramos em uma situação em que o tradutor é posto em sua função antes mesmo de conhecer o texto, sua leitura será quase completamente voltada para esse ponto de vista tradutório. Assim, ainda que haja certa imparcialidade na tradução, o tradutor acaba por reproduzir certas influências do saber tradutório, acima do seu saber leitor. É desta forma que concluímos que a tradução se encontra em um quadro de produção dependente das escolhas do tradutor.

Constrói-se, então, uma visão centrada nos deveres que o tradutor assume ao se colocar em um lugar ativo em um trabalho de tradução. Seu encargo dispõe de uma lista de componentes necessários que ele precisa ter, envolvendo conhecimentos da cultura fonte e da cultura alvo, de modo que ele seja capaz de sincronizar a recepção e a produção de ambos os lados (NORD, 2016). Isto vale para que o TRD seja capaz de prever reações, dúvidas, e possíveis divergências no diálogo entre o emissor e o receptor, servindo como uma ponte entre eles (PAES, 1990). Por consequência, implica-se dizer que o tradutor assume uma responsabilidade irreparável para com o texto. Ele deve conhecer, trabalhar, estudar e assumir escolhas que cumprem um dever tanto com a CF quanto com a CA.

Em decorrência dessa ótica, as escolhas tradutórias tornam-se questionáveis na opinião de um determinado público. Como dito anteriormente, a fidelidade de uma tradução reproduz uma expectativa de uma sociedade que pretende preservar interpretações específicas de um determinado texto. Para Nord (2016), essa constituição não deve ser pensada somente em seu conceito puramente rígido, tendo em vista que a equivalência não se trata apenas da percepção de “equivalência natural” da língua, mas também de uma aproximação entre elas.

Normalmente se espera que uma tradução reproduza “fielmente” todos os elementos relevantes do texto original. Trata-se de uma expectativa bastante comum, muitas vezes também sustentada por linguistas e críticos literários, mesmo que o conceito de “fidelidade” possa ser equiparado a “equivalência” (NORD, 2016, p. 81)

Entramos, portanto, no ponto de separação textual inerente a tradução, nomeada por Venuti (2019), de estrangeirização e domesticação. Esses dois métodos de tradução fazem parte da primeira seleção que um TRD se depara ao se propor a atuar na função de traduzir. Isto porque essas duas formas compreendem basicamente um caminho a ser seguido antes mesmo de qualquer decisão ser tomada.

Estrangeirização compreende na manutenção prioritária da cultura fonte, se mantendo o mais próxima da forma natural do texto e evitando adaptações que se adequem mais à cultura alvo, apesar de sempre privilegiar o sentido. Ao seguir o caminho da estrangeirização, o TRD favorece manter elementos culturais que são, de fato, estrangeiro a CA, mas que estão presentes na obra original. Sua função aqui pode ser interpretada como uma escolha de globalizar um conhecimento presente na língua de partida que se expande a língua chegada (VENUTI, 2008). Exemplifica-se essa concepção com a própria tradução de nomes próprios comumente existentes em países falantes do inglês, como *James*, que são mantidos em países de língua portuguesa ainda que não seja necessariamente um nome habitual em países lusitanos.

Em contrapartida, a domesticação de um texto compreende na intervenção tradutória no TF para realizar uma aproximação cultural para a língua de chegada. Define-se essa concepção como aquela que adapta informações estrangeiras ao que se é conhecido pelo público alvo. O nome dessa formulação parte da ideia de “domesticar”, transformar e trazer para uma forma familiar aquilo que lhe é estranho (VENUTI, 2008). Para exemplificar, tomemos por base a mesma situação que utilizamos para a estrangeirização; em um formato domesticado, ao invés de manter um nome próprio comum no país de origem, como *James*, o tradutor optaria por trazer um nome mais conhecido no país de chegada, tornando-se “Tiago”, por exemplo, se fosse mudado para um equivalente português.

Portanto, em termos gerais, Widman e Zavaglia (2017) resumem esses dois métodos através dessa oposição entre eles.

À estratégia de fluência, que aproxima o autor do leitor, fazendo uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora e aniquilando sua alteridade, Venuti (2008, p. 20) denomina de tradução domesticante ou domesticadora. Nesse sentido, domesticar pode ser entendido como submeter e dominar. Já a estratégia que leva o leitor ao autor, respeitando as diferenças culturais, é chamada por Venuti de estrangeirização (WIDMAN, ZAVAGLIA, p. 98)

Venuti (2019) acreditava que a escolha de metodologia seguida por um TRD pode dizer muito sobre suas relações de poder com a língua de partida e a língua de chegada, pois, segundo ele, a forma de domesticação funciona como uma alternativa política de enfatizar uma cultura sobre outra, destacando uma dominância entre elas.

Por esta razão, quando falamos em responsabilidade tradutória estamos nos referindo a todos os deveres e afazeres que um tradutor deve ter em conhecimento para desenvolver um trabalho, além do fator primordial de assumir uma consciência autoral de que sua tradução é

construída a partir de escolhas que irão dimensionar a recepção tanto do público alvo, quanto do público emissor.

2.3 ESCÂNDALOS DA TRADUÇÃO: O “INTRADUZÍVEL”

O intraduzível sempre permeou o contexto tradutor como um discurso automático ao se deparar com as particularidades de cada língua. Torna-se, portanto, difícil nomear um período específico no qual seu conceito surgiu. Antes mesmo do início dos pensamentos da tradutologia, o intraduzível já trazia uma carga reflexiva sobre as possibilidades existentes para a prática da tradução. Na antiguidade, ainda que traduzir fosse uma ação recorrente, ela era enxergada como uma forma de “trair” um texto e uma cultura original, refletindo, inclusive, na aceitação de traduções bíblicas, que eram consideradas um sacrilégio com os escritos originais (GUIDÈRE, 2016).

Para Derrida (1996), pensar no intraduzível é pensar nas relações pessoais que se estabelecem entre um tradutor e sua língua materna (LM); por exemplo, se um tradutor exerce um trabalho no qual sua primeira língua é a LF, ele caminha em um círculo relativo que o autor chama de “dupla fidelidade”, já que ele deve se manter fiel ao sentimento cultural provocado pela LM, ao mesmo tempo em que deve, com imparcialidade, adaptá-la com equivalência para a LA. Esta concepção compreende a ideia de que, por mais que o TRD assuma a responsabilidade dual da tradução, ele ainda terá problemas no desenvolver processual, tendo em vista que ele, inconscientemente, utiliza sua LM como base, o que afeta como um todo a imparcialidade da tradução.

O autor ainda retoma as discussões sobre a tradução *palavra por palavra* e a tradução *palavra pelo sentido*, compreendendo que esse seria o ponto chave dos questionamentos sobre a intraduzibilidade que rodeiam a prática. Ele descreve o processo de alternância linguística como uma prática que gera certo desconforto para o tradutor e para o texto, justamente por não conseguir assimilar, em totalidade, uma equivalência estrutural e semântica na tradução. Sobre isso ele demarca:

Um corpo verbal não se deixa traduzir ou transportar uma outra língua. Ele é o que a tradução deixa de lado. Deixar de lado o corpo é realmente a energia essencial da tradução (DERRIDA, 1967, p. 312).

O que é posto em cena nesse critério de tradução é o reconhecimento de uma estranheza. Se antes vimos a concepção da domesticação e a estrangeirização proposto por Venuti (2019),

agora percebemos esses dois conceitos mais a fundo na visão prioritária do escritor e do leitor; ambos possuem ideias do que se está no texto, e a tradução, esta atuando como interceptora de, não somente palavras, mas de culturas, causando uma *infamiliaridade* no emissor e no receptor.

A ideia de infamiliaridade (um conceito freudiano) é trazida por Lachaume (2021) para tentar entender o conceito de intraduzibilidade.

O intraduzível singular, também chamado de intraduzível com “i” minúsculo, tem frequentemente um sabor familiar: de lembranças de infância e de família. Uma breve genealogia, aliás, permite remontar a uma avó ou bisavó, passando por conversas com uma irmã, transmissão de histórias ou explicações de um pai, etc. Aí, é interessante notar o fato de que, em um ponto, a origem da palavra intraduzível se perde e, com essa perda, as perguntas surgem: “De onde vem?” (história da palavra? lugar geográfico?), “Foi inventada?” “Quem inventou?”. O familiar vira então estranho e incômodo, isto é, para retomar um termo de Freud (FREUD, 1919, inserido por uma espécie de gesto de meta-intradução no nosso material), o familiar vira Unheimlich. A busca pela proveniência levanta interrogações dizendo respeito ao regionalismo de alguns intraduzíveis – cuja significação (ou não) depende do lugar do mundo em que são enunciados (LACHAUME, 2021, p. 154)

Se pensarmos segundo essa afirmação, conseguimos enxergar o surgimento da intraduzibilidade como o desconhecimento de certas realidades culturais em campos de ação diferentes. Isto é, um estrangeirismo sentido por uma população frente a uma situação experienciada por outro grupo cultural, desenvolveu um formato de pensamento que considera experiências diferentes como impossíveis fora de um contexto específico. Desta forma, aquilo que era desconhecido, estranho, *infamiliar*, vem a ser também, o intraduzível.

A impossibilidade da tradução se estende ainda mais quando falamos em insuficiência. Nesse sentido, a questão principal da não-tradução é o sentimento de que há uma ausência na transmissão de uma língua para outra. Essa insuficiência pode ser pelo sentido ou pela letra.

Berman (2013) classifica esse distanciamento como parte natural da tradução, indicando que a letra e o sentido podem ser tanto dissociáveis quanto indissociáveis. Essa conjuntura, segundo ele, é o que nos leva a enxergar a tradução com um valor de inviabilidade, pois “se letra e sentido estão ligados, a tradução é uma traição e uma impossibilidade” (BERMAN, 2013, p. 55).

Esse contexto, ainda que iniciado pelos questionamentos referentes à letra, apreende o sentido como segundo viés do intraduzível. Se a língua expressa visões de mundo, conseqüentemente torna-se difícil de referenciar essas experiências em outro idioma do mesmo modo que foi dito originalmente. Amorim (2015) condiciona que os discursos sobre fidelidade

do texto, nos levam a tentar capturar a identidade de uma obra de forma espelhada, isto é, de um modo que a tradução seja apenas um reflexo do texto fonte. Por isso o autor retoma os conceitos de Venuti (2019) e Lefevere (2007) que categorizam a tradução como *reescrita*.

Diante disso, podemos enxergar um valor sendo atribuído à intraduzibilidade. Um escritor, ou uma cultura em geral, aprecia o conceito de impossibilidade tradutória dos seus dizeres por considerar que essa incapacidade lhe atribui um valor identitário único (BERMAN, 2013). Como a tradução já não é mais exclusivamente pertencente à estrutura, ao pensarmos em reescrita, pensamos em processos da tradução que alteram a estrutura em favor do sentido. Podemos citar de exemplos desses processos o alongamento (quando se traduz uma palavra por uma frase, em uma tentativa de conter todo o sentido desta palavra), o enobrecimento (quando se busca palavras mais rebuscadas para tornar uma tradução mais “bela”) ou o empobrecimento qualitativo (quando a tradução não reflete iconicamente o original, perdendo termos e expressões), e ainda a destruição de ritmos e sistematização (a perda da rima ou de uma estrutura sintática da LF para a LA). Todos esses processos são chamados por Berman (2013) de “deformações” da tradução, existindo ainda mais nove acontecimentos que ele destaca como transformações inerentes à tradução que “deformam” um texto original.

É por essa razão que o intraduzível está posto em questão por todos esses anos. Seu valor simbólico atribuído à cultura e ao texto, e às condutas transformadoras da tradução, contribuem para uma continuidade desse pensamento. Portanto, para alguns, a tradução sempre será passível a limites e o intraduzível sempre existirá, enquanto para outros, a impossibilidade é apenas uma irregularidade do ponto de vista de quem observa a palavra, considerando que, se há uma forma de fazê-la chegar a outro idioma, independente se espelhada ou não, então é traduzível.

A busca pela equivalência e pela individualidade é o que cria o intraduzível, sendo por isso que certas culturas não atendem aos princípios deformadores, e inviabilizam a tradução. O sentido, a força da emoção e a experiência determinam se, para aquele povo, sua individualidade é traduzida ou não. É o que acontece, por exemplo, com a palavra *saudade*, objeto principal de nossa pesquisa.

“Saudades, só portugueses conseguem senti-las bem porque têm essa palavra para dizer que as têm.” (PESSOA, 1965)

3 SAUDOSA LITERATURA: AS RELAÇÕES E CONCEPÇÕES DA SAUDADE

O seguinte capítulo introduz a conceitualização da palavra saudade segundo suas perspectivas semânticas e interpretações literárias. Nele, objetiva-se apresentar formas etimológicas do vocábulo que o levou a ser enxergado com as visões que possuímos na atualidade, percorrendo ainda sobre seu caráter considerado “intraduzível”. Procuramos também discorrer brevemente sobre essa concepção atrelada à literatura de Fernando Pessoa, que, assim como muitos teóricos portugueses, era adepto da idealização intraduzível da palavra saudade.

3.1 SENTINDO O SENTIDO: A SAUDADE E SUAS INTERPRETAÇÕES

A busca pela definição de sentimentos é algo desejado por muitas vezes ao longo da história, seja representada nas artes literárias, cinematográficas ou outras. Assim como a busca pela interpretação de sentimentos como “amor” e “tristeza”, tentar entender e definir a saudade passou a ser um objetivo para muitos pesquisadores e estudiosos da sociedade.

Vista como palavra única e característica da língua portuguesa, a saudade ocupa um espaço especial na sua procura etimológica. Muitas vezes definida como um “sentimento de incompletude⁶”, ou associada a lembrança melancólica ou suave, a saudade problematiza sua definição por não conseguir ser expressa em outros vocábulos. Segundo Pereira Junior (2014), ela parece não ser explicada por sempre exigir um complemento, tendo em vista que “não é solidão, não é nostalgia ou lembrança, não é dor ou suavidade, mas é também solidão, nostalgia e lembrança, dor e leveza” (PEREIRA JUNIOR, 2014, p. 90). Sentir saudades parece evocar sentimentos que ao mesmo tempo são sinônimos de felicidade e tristeza, ainda que, em seu

⁶ Definição segundo o Minidicionário da Língua Portuguesa de Santiago-Almeida (2011), verbete *saudade*

centro, encontra-se a melancolia com mais vigor.

Antes de buscarmos uma explicação morfológica do seu surgimento, pensemos na construção social da palavra saudade. Vocábulo único da língua portuguesa, ela tem uma simbologia inteiramente relevante para a cultura lusitana. Portugal constrói uma redoma de sentimentos ao evocar a saudade como nenhuma outra nação o faz, nem mesmo aquelas também falantes do português. Para eles, a palavra é motivo de construção identitária, considerando ela a razão da unificação da identidade portuguesa em um momento de desterritorialização (MELO, PEREIRA 2020).

A história portuguesa é voltada para expedições e viagens marítimas que conseqüentemente exploraram do seu povo um movimento de separação da terra natal. A relação de um afastamento fez surgir um sentimento que Ortega y Gasset (2005) aborda com duas contradições periódicas da época, onde “descoberta é a ânsia de partir, a saudade a ânsia de voltar” (ORTEGA Y GASSET, 2005, p. 17).

Sendo assim, historicamente, a palavra saudade é representada como uma dor necessária para o povo português. O sentimento de falta é o primordial na sua conceituação, e remete a uma ausência de algo profundamente amado. Por esta razão que *O dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Cunha, define saudade como “lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las” (CUNHA, 2010, p. 708).

Etimologicamente, a palavra saudade constrói-se em torno de controvérsias sobre sua formação. Teóricos brasileiros e portugueses se dividem em duas possíveis origens; a origem referente à língua latina é a mais comumente aceita por vários linguistas que pesquisam sobre a saudade em específico, porém uma influência árabe também é posta na mesa como uma das possíveis derivações da palavra.

A primeira hipótese etimológica consiste em creditar a sua origem a partir do latim *solidad*. Para esse termo, temos ainda os equivalentes latino *soidade* e *soidão*. Segundo Braz (2006), as dificuldades para encontrar uma unanimidade sobre o tema acontece devido a uma particularidade no termo inicial latino *solus*, cujo significado remete à solidão, porém uma solidão física, com duas derivações usuais: *solitate* e *solitudine*. De acordo com o autor, essa é a provável maior distinção quando evocamos a derivação latina para a etimologia, tendo em vista que o foco principal de muitos autores é a significância, o sentido da saudade através da história, e não possuem interesse em continuar remetendo a forma estrutural da palavra.

Ainda assim, os estudos continuam para compreender alterações morfológicas causadas especificamente para a adaptação do sentido. Para Antunes (1983), a transformação no

português que modifica a morfologia *oi* para *au* (de *soi.dade* para *sau.dade*), acontece justamente para atribuir, foneticamente, a melancolia no significado da palavra. Outros verbos então são condicionados a receber uma participação na construção da saudade, remetendo à *saudar* de *salutare* (construção infinitiva do latim). Esse verbo traz uma conotação de saudação em função do sentido de se apresentar, receber; a contribuição nesse caso partiria do princípio português do desejo de retomar, ou seja, (re) encontrar algo que sentiu falta. Por essa razão que Braz (2006) destaca a diferenciação entre a saudade brasileira e portuguesa, como temos atualmente, a partir da sua produção fonética.

O estado de privação, de falta, é às vezes a promessa de retornar sua saúde e criar assim sua salvação. Notemos que o termo por ele mesmo não é sempre a mesma pronúncia: a pronúncia portuguesa *soudade* possui o lugar de *soudade* (lê-se / *sowdade*), é diferente daquela do Brasil *saudade* (lê-se / *sawdadi*), com acentuação paroxítona. É, portanto, uma dinâmica que se joga entre esses dois pertencimentos da ideia de *solitude* et de *salut*, a primeira não sendo mais que o sentimento que impulsiona a realização da segunda (BRAZ, 2006, p. 103, tradução nossa)⁷

O entendimento da palavra *saudade* é tão único, que dentro da própria língua portuguesa haverá variação no seu significado. Para o brasileiro, a *saudade* é vibrante, é alegre e triste ao mesmo tempo, é uma forma de se conectar ao passado e lembrar de sentimentos bons, mesmo que eles doam por não existirem mais no presente. Já para o português de Portugal, a *saudade* é dolorosa, e sofrida e amarga. Ainda assim, ambos se mostram unânimes na concepção de que ter *saudades* é amar. Não existe *saudade* sem amor (BERTINE, 2016).

O que torna a *saudade* a palavra que conhecemos hoje é, segundo a historiadora Lamas (2003), as individualidades na experiência portuguesa com as navegações que não seriam sentidas em outras nações. A cultura de Portugal, especificamente no século XV, momento tanto das grandes navegações, quanto do surgimento da *saudade* na literatura, liderava uma etiqueta tradicional de solidão, de abandono e do desejo de retorno.

Em consequência, muitos acreditam em uma definição comparativa da *saudade* com a definição de *solidão*. Em GIMENEZ (2021), é indicada uma concepção que considera a *saudade* como uma forma inicial de *solidão*, destacando a nasalização fonética e a equivalência derivacional de *soledad*, do espanhol, com o termo português. O princípio parte de uma radical

⁷ L'état de privation, de manque, est à la fois la promesse de retrouver sa santé et d'œuvrer ainsi à son salut. Notons que le terme lui-même n'a pas toujours la même prononciation: la prononciation portugaise *sódade* à la place de *soudade* (lire / *sowdade*), est différente de celle du Brésil *saudade* (lire / *sawdadi*), avec accentuation paroxytone. C'est donc une dynamique qui se joue dans cette double appartenance à l'idée de *solitude* et de *salut*, la première n'étant que le sentiment qui pousse à tendre vers la réalisation de la seconde

sol(i) que determina uma conotação negativa daquilo que é único, que é só. A nível de complemento, esse é um dos motivos para a posição da palavra saudade em dicionários analógicos estar em categorias que remetem adjetivos de interpretação triste.

Porém, ainda que essa concepção aproxime-se bastante do que compreendemos como saudade (tanto no Brasil, quanto em Portugal), há uma parcela de pesquisadores que discordam da derivação latina por não acreditarem que esse pensamento etimológico faz justiça à significação do termo. Assim, a segunda hipótese da origem da palavra acredita na sua derivação partida do árabe.

José Antonio Tobias é o pesquisador que envolve-se com esta teoria e a defende sob a condição de estudar a tradução e o léxico para justificar essa percepção. Segundo essa linha, a saudade é derivada do árabe *saudah*, que contribuiu para lexemas como *souvenir*, do francês, *sehnsucht*, do alemão, *nostalgia*, do grego e *remembrance*, do inglês; estes, entretanto, ainda não são suficientes para conceptualizar, tradutoriamente a saudade. Para cada um desses termos existe uma exclusividade que não abrange toda complexidade do termo português; o autor explica, como exemplo, que formas como a alemã restringem-se a um ambiente, uma situação ou um receptor específico, que não são elementos necessariamente estabelecidos na definição de saudade (MORETTINI, 2020).

A interpretação dessa palavra passa, portanto, por uma semântica derivada primordialmente da cultura portuguesa que a toma para si, em um movimento individualista, mas também identitário. Segundo Bertini (2016), somente a língua portuguesa foi capaz de expressar essa mistura de sentimentos que são a ela (a saudade) associados. Isto relaciona-se diretamente com a visão cultural diversificada que o povo português sentia no momento de seu primeiro uso em 1438, no livro intitulado *Leal Conselheiro*, de El Rei D. Duarte I, o qual ele define como um sentimento que não parte da razão.

A saudade começa, a partir desse uso, a vivenciar uma recorrência constante na literatura portuguesa e brasileira, ainda que seja possível reconhecer a diferença de visões de mundo que ambas as nações possuem sobre a língua. Enquanto no Brasil, país plural, de identidade múltipla e momentos novos a serem criados, a saudade vem como o sentimento de esperança, otimismo de que haverá retorno causado pela falta de um momento ou de algo amado, Portugal focaliza o uso do termo nas lamentações e na impossibilidade do regresso às boas memórias, ainda que exista um desejo profundo quanto a isto. Osvaldo Orico, em 1948, diferencia as duas percepções de um modo bem consistente:

A saudade portuguesa é mais um ‘morrer do amor’, triste muitas vezes e

provoca dor. A brasileira é mais alegre, imaginativa, é mulher moça (...) Saudade que não chora, canta; saudade que não punge, exalta; saudade que não abate, enaltece; saudade que não fere, vivifica (ORICO, 1948, p. 44).

O que pode-se concluir, portanto, do que é o sentimento saudade é que sua concepção será dividida em visões de mundo que, em determinado momento a enxergará como um conjunto melancólico do sentir falta e, por vezes, será o sentimento positivo de que a ausência constrói uma conexão mais forte com o inexistente.

Por essa complexidade de definição, os portugueses clamam para si a propriedade do uso significativo da saudade na língua portuguesa. É inegável, de fato, que Portugal exerce uma fonte nuclear do significado do termo não somente na literatura, como também no cotidiano lusitano. A perspectiva única que essa nação exerce perante a palavra nos leva aos princípios mais debatidos da tradução em torno da letra e do sentido. Devido as especialidades e encargos culturais presentes lexicalmente no vocábulo saudade, sua traduzibilidade é colocada em posto de debates e diferentes conclusões.

3.2 SAUDADES E A PERCEPÇÃO DO INTRADUZÍVEL

Entendido por Berman (2013) como um “valor”, o intraduzível é definido de acordo com a indissociação do que chamamos *letra* (a palavra, o signo) com o seu *sentido*. Segundo o teórico, a tradução seria a ressignificação da palavra, uma “traição” à sua língua, ainda que indispensável para a evolução comunicativa. Por outro lado, Siscar (2000), baseando-se na obra de Jacques Derrida, compreende intraduzível como “o elemento perturbador da reapropriação de sentido que faz parte de toda tradução” (SISCAR, 2000, pág. 59). A significância dessa afirmação implica a visão que possuímos do que seria considerado intraduzível.

Temos, portanto, dois aspectos a levar em conta ao pensar no intraduzível: o primeiro referente à possibilidade de um valor semântico único associado a uma palavra de um determinado idioma, sendo assim ressignificado diante da tradução; e o segundo, tratando-se das dificuldades de associação semântica que acontece ao pensar o costume de uma cultura e o transferir para outra.

O que devemos focalizar para com tal alegação é sua influência no discernimento sobre a palavra *saudade*, esta compreendida como intraduzível justamente por seu contexto histórico-social que, segundo Bertini (2016), ao levar em conta a significância que a palavra possui sociedade lusófona, pode ser vista como problemática para o processo de tradução. Patrick

Quillier, tradutor, para a língua francesa, da obra *Mensagem* de Fernando Pessoa, publicada em 2004, considera o processo de traduzir a saudade portuguesa como um desafio, principalmente quando referente a utilização de uma tradução que possa manter a experiência e o valor que o sentimento possui na língua de origem (BRAZ, 2006).

Duarte Nunes de Leão é o primeiro a descrever a palavra saudade como intraduzível, já no século XVI (em 1606), quando afirma que nenhuma outra língua seria capaz de expressar o desejo agridoce de sentir falta e desejo de ver algo ou alguém. Para ele, a unicidade da palavra se encontra nessa amplitude emocional que não enquadra somente vários sentimentos, mas várias situações também; sentir saudades pode ser direcionada à pessoas, lugares, seres inanimados e até mesmo emoções (PEREIRA JUNIOR, 2014).

Para aqueles que acreditam na derivação latina, a saudade seria correspondente de outras línguas românicas e, morfológicamente falando, não poderia ser considerada única devido aos equivalentes *soledad*, do espanhol, e *soledat*, do catalão. A influência árabe seria, portanto, a principal razão da forma “saudade” se distanciar dos termos românicos, pois as formas *saud* e *saudá*, significantes de melancolia, alteraram questões fonéticas da palavra para que a adaptação semântica tomasse uma proporção mais morfológica.

A intraduzibilidade do termo, portanto, organiza-se quase completamente em seu aspecto semântico. A individualidade de um sentimento que “degusta a dor”, como denomina Pereira Junior (2014), é contida sobre aspectos amplos e específicos ao mesmo tempo. Esses aspectos constituem-se nos modos de sentir saudade (forma eufórica ou melancólica, suave ou intensa) e o alvo à que ela é direcionada (pessoa, ambiente, sentimento, lembrança, existência ou não existência).

É importante destacar, concomitantemente, que a saudade não representa apenas um sentimento para a sociedade lusitana, mas uma característica de sua identidade. É por essa razão que a intraduzibilidade do termo é defendida com ferocidade por Teixeira de Pascoaes, poeta português, pois, para ele, sua origem coletiva é o que expressa seu povo (LAMAS, 2003).

A cultura popular portuguesa reside em uma arte poética, literária ou artística em geral, que envolve costumes e tradições pessimistas e fatalistas, de modo que muitas vezes é reconhecida através de arrependimentos. A saudade é diretamente afetada por esse costume mais desassossegante da cultura de Portugal, gerando um uso mais associado ao passado e as lamentações a ele interligadas.

Entretanto, Vasconcelos (1990) nega a concepção de que esse sentimento ou essa experiência seja algo vivenciado exclusivamente pelo povo português. Segundo a

pesquisadora, considerar essa afirmação e ainda persistir na ideia de que ela não possui equivalentes, é manter-se em uma afirmação ilusória.

O que os teóricos visam ao perceber a intraduzibilidade da palavra saudade é o reconhecimento de uma perspectiva semântica que alcance o sistema representativo do termo pensando no alongamento tradutor acima do fazer palavra por palavra. A consequência é uma inconsistência de pensamentos sobre a significância da saudade em Portugal distinta de outras nações. Por isto, Lamas (2003) defende que há uma relação existente com o povo português que deve ser remarcada quando falamos de saudade e sua história, mas que não devemos abrir mão de atestar a existência de uma equivalência semântica com outros termos de outros idiomas.

Na realidade, a saudade está intimamente ligada ao povo português, embora não seja exclusiva deste. No entanto, trata-se de um assunto mais complexo do que aparenta à partida. Devido a este facto, muitas têm sido as definições e as contradições, múltiplos os contextos e respectivas implicações, sem se conseguir um resultado conclusivo (LAMA, 2003, p. 5)

O que podemos observar sobre as discussões sobre o “intraduzível” da saudade é que elas ficam divididas em dois pólos que reconhecem individualidades do termo, mas que discordam no ponto em que consideram a expressividade dela em outra língua. Levamos em conta que traduzir é expressar em outros dizeres, e a percepção de que a captura dos elementos culturais é realizada com excelência através de signos de línguas diferentes é subjetiva e dependente do ponto de vista de um receptor.

Portanto, este trabalho não visa questionar a traduzibilidade da saudade ou tomar partido de uma hipótese tradutória, mas sim apresentar essas duas concepções e propor uma reflexão acerca das possibilidades que os limites da tradução alcançam em meio a situações culturais que envolvem o sistema linguístico.

Focalizamos ainda que a literatura, como arte interpretativa, nos permite enxergar as marcas dessa transitividade com mais cautela e especificidade. A saudade, antes de ser interpretada como intraduzível, era comumente expressa na poesia e nos romances portugueses. Esse uso constante partindo de uma nação em particular gera, de fato, uma individualidade sentimentalista que torna-se difícil de ser traduzida. Por essa razão, antes de mais nada, a observação de como o expressar semântico acontece em uma tradução é essencial para tomar uma conclusão. A literatura portuguesa, à exemplo das obras de Fernando Pessoa, são marcadas intensamente pelo sentimento saudosista persistente em sua identidade, de forma que levar isso

para uma cultura alheia, como os costumes franceses, é um indício de como o conceito de traduzibilidade e intraduzibilidade conversam na percepção da saudade.

3.3 FERNANDO PESSOA E A SAUDADE DO DESASSOSSEGO

Fernando Pessoa, poeta e dramaturgo português, exerce uso da palavra saudade com recorrência na sua literatura. A saudade nas obras do autor é um elemento intrínseco utilizado para representar emoções de angústia, melancolia, amor, e outros sentimentos de essência caracterizante para a identificação do ser humano.

Antes de mais nada, é necessário compreender o histórico do autor, tendo em vista que esse processo nos auxilia a entender sua poética e reconhecer os elementos narrativos comumente utilizados por ele, considerando, primordialmente, que Fernando Pessoa possuía particularidades não somente de escrita, mas de vivência. Nascido em 13 de Junho de 1898, em Lisboa, o poeta viveu sob uma realidade plural de línguas desde os 8 anos de idade, quando teve seu primeiro contato de aprendizagem com uma língua estrangeira. O falecimento de seu pai, ainda durante seus primeiros anos de vida, foi o principal marcador para a sua mudança de realidade, pois, em decorrência desse acontecimento, Pessoa migra com sua mãe para Durban, na África do Sul. Toda a educação primária e secundária de Fernando Pessoa se dá no país africano, de modo que o inglês lhe seja próximo o suficiente para que o considere como segunda língua.

Sua trajetória com o inglês, primeira língua estrangeira aprendida, o levou a considerar os aspectos da linguagem não somente como signos, mas como visões de mundo. Isto influencia diretamente em sua perspectiva do mundo, das letras e até mesmo da língua portuguesa. A abertura para esse diferente campo cultural, permite uma outra compreensão do português para Pessoa ao receber a oportunidade de observá-lo com uma língua nova, e não como língua materna (FIGUEIREDO, 2005).

A pluralidade em que habitava pode ter sido um indício do que Pessoa viria a ser na literatura: plural. Marcado por uma quantidade imensa de heterônimos, o poeta escreveu obras que refletiam realidades distintas e identidades rasuradas. Em um de seus poemas mais conhecidos, *Não sei quantas almas tenho*, ele reflete o espírito diferenciado do seu eu-lírico múltiplo quando ele postula questionamentos sobre o que é ser ele mesmo ou o que é ser o outro.

Bernardo Soares é um dos heterônimos de Fernando Pessoa, escrito convencionalmente para ser o autor, ou semi-autor como Pessoa indica algumas vezes em seus escritos pessoais,

do *Livro do desassossego*. Nessa obra ele (Soares) narra sua história e seu dia-a-dia com melancolia, remetendo-se a uma vida solitária, e apresenta constantemente uma carga de arrependimentos, começando do abandono parental sofrido ainda na infância. O protagonista escreve, já adulto, os relatos e sentimentos causados por crescer como órfão e por levar uma rotina fatigante como guardador de livros em uma rua movimentada de Portugal. Constantemente ele faz uso da saudade para descrever esse desejo interno de possuir uma vida diferente. Para Soares, a saudade é apresentada como um desassossego, uma perturbação a realidade em que vive, onde dolorosamente sente falta daquilo que nunca possuiu, como afirma na passagem “não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram” (PESSOA, 2019, p. 68).

A saudade para Fernando Pessoa é uma forma de conectar-se com a identidade portuguesa, sonhadora e fragmentada. A fragmentação é um estilo pessoal do autor que colabora eficientemente com as múltiplas interpretações da saudade, embora que, para ele, esse sentimento estava remetido unicamente ao povo português, pois segundo o poeta, somente sua nação era capaz de abordar a dramaticidade necessária para falar de saudade. Em seus versos, ele mesmo pontua sua opinião acerca da intraduzibilidade da palavra. Como tradutor, cargo que exercia tanto profissionalmente no campo comercial quanto pessoalmente na literatura, ele reconhecia os indícios culturais que cada língua fornecia e acreditava na necessidade de atribuir “personalidades” para cada tradução que se pusesse a fazer. Por isso, segundo ele, seriam capazes de sentir a saudade somente aqueles que a possuíam como palavra em sua identidade (FIGUEIREDO, 2005).

Quando nos referimos, portanto, a linguagem pessoana e a sua forma de descrever a saudade no *Livro do Desassossego*, percebemos que ele a considera como um desejo amplo de possuir algo que já aconteceu, algo que acontecerá ou algo que poderia ter acontecido. Esse desejo de viver algo impossível (considerando que em maioria dos momentos que a saudade é apresentada na obra, ela faz referência a uma experiência que não é possível de acontecer devido ao tempo de ocorrência), é o que nos faz interpretar a saudade de Fernando Pessoa como preenchida de intensidade e de sentimentos que fogem da tranquilidade, como por exemplo, a tristeza, o desalento, a aflição e o arrependimento. Em uma passagem na página 124, no capítulo 196, ele apresenta um panorama geral sobre sentimentos que possuem essa conotação e descreve a saudade como um deles.

Os sentimentos que mais doem, as emoções que mais pungem, são os que são absurdos — a ânsia de coisas impossíveis, precisamente porque são

impossíveis, a saudade do que nunca houve, o desejo do que poderia ter sido, a mágoa de não ser outro, a insatisfação da existência do mundo. (PESSOA, 2019, p. 124)

Por essa razão, transportar a sentimentalidade que Fernando Pessoa expressa em sua obra através da palavra saudade torna-se um desafio. Na França e nos países francófonos diversos autores dedicam-se a tentar entender e traduzir a saudade a partir das narrativas de Fernando Pessoa, como Patrick Quillier que em 2011 publica *Nostalgie et saudade : une leçon de ténèbres* para tentar distinguir esse dois sentimentos a partir da noção da culturalidade francesa. Outros pesquisadores se debruçam sobre o estudo de Pessoa para e se deparam com o desafio de traduzir saudade, como é o caso de Françoise Laye, tradutora do *Livro do Desassossego*, e de diversas outras obras do poeta.

Pensando nas particularidades da palavra e da escrita pessoana, investigamos as escolhas tradutórias que Laye, como especialista em Fernando Pessoa, tomou para exercer a significância da saudade na versão francesa, *Livre de L'intranquillité*.

“O passado no presente é re-vivido intensamente. A saudade não é um lembrar triste. É um lembrar revivido: ‘Vive um momento com saudade dele/Já ao vivê-lo...’”
(MORETTINI, 2020)

4 TRADUZINDO SAUDADES

A saudade, como movimento identitário português, se mostrou uma forma recorrente na literatura portuguesa. Considerando que a literatura possui um papel imprescindível para a representatividade no campo de construção de uma realidade (podendo esta ser ficcional ou não), é esperado que tal sentimentalismo português seja refletido através desta arte. Segundo Melo e Pereira (2020), o peso identitário que se carrega na palavra *saudade*, tendo ela como um *modo de ser* para os lusitanos, gera uma interligação inevitavelmente complexa entre a literatura e a significância que esta palavra única carrega consigo.

Ao pensarmos através dessa perspectiva, conseguimos afirmar com demasiada certeza a influência estilística e conceitual que a *saudade* exprime na narrativa de Fernando Pessoa. O uso deste signo é de recorrência frequente nas obras do autor, podendo ser encontrado 81 vezes no decorrer do *Diário de Bernardo Soares*. É indiscutível a relevância que a palavra toma para a interpretação do livro e os desalentos sofridos pelo protagonista.

Essa característica singular da saudade faz surgir no processo tradutório um complexo sistema de escolhas, na qual recai para o tradutor um trabalho de responsabilidade árduo para que a expressão do original consiga ser transmitida a partir da tradução.

Na tradução do *Livro do Desassossego* (2019) para o francês, coube a tradutora Françoise Laye realizar esse processo de passagem linguística. Laye é uma tradutora de origem francesa que trabalha com o par linguístico português-francês, e que compõe uma extensa lista de trabalhos com obras de Fernando Pessoa. Entre suas traduções, temos *Le banquier anarchiste* (O banqueiro anarquista), *Le marin* (O marinheiro), e outros romances do autor. A poética tradutória de Françoise Laye é descrita pela editora titular de suas obras como uma escrita filosófica, cuja proposta é fazer o leitor encarar essa multiplicidade de facetas que Fernando Pessoa abordava em sua estilística.

Em uma nota de tradutória, Françoise Laye exalta a escrita de Pessoa, o caracterizando como um autor de “singularidades de linguagem *peçoana*”, e assume a dificuldade de executar tal trabalho.

O tradutor deve confessar que ele tenta, da melhor forma, seguir e encontrar no subsolo desse pensamento exploratório; e de moldar todas as singularidades da linguagem *peçoana* para tornar o extraordinário saber do irreconhecível e de descobrir que ele é seu (LAYE, 1999, pág. 22, tradução nossa)⁸

Através dessa perspectiva, no intuito de compreender o caminho tomado pela autora para exercer a particularidade da saudade no *Livre de l'intranquillité* (1999), partimos então para processo de coleta de dados paralela, observando a utilização da palavra saudade na obra original portuguesa, e as escolhas tradutórias aplicadas na versão francesa.

O processo metodológico baseou-se na coleta das formas, isto é, dos signos utilizados para fazerem a tradução direta da palavra saudade, observando alterações gramaticais, sintáticas, e se o correspondente tradutor seria referente apenas à um único signo ou se foi necessário uma extensão explicativa para a palavra, pensando nas deformações de Berman (2013). Após uma análise estritamente estrutural, no intuito de apresentar as formas tradutórias, a pesquisa avança para um teor mais semântico, avaliando as escolhas tradutórias e as possíveis motivações para tal escolha a partir do contexto cultural, social e interpretativo da palavra.

4.1 AS FORMAS DA SAUDADE: A TRADUÇÃO DO LIVRO DO DESASSOSSEGO

Como mencionado anteriormente, a palavra saudade é citada cerca de 81 vezes na primeira parte da obra aqui analisada. Cada menção aborda uma particularidade sentimentalista que é denominada, interpretativamente, a partir do conjunto contextual de um determinado extrato. A temática do capítulo é um denominador influente para a percepção tradutória considerando que, a partir deste elemento, inicia-se o dialogismo existente na linguagem. O discurso estabelecido entre o autor e o tradutor, diante da interpretação deste último quanto ao contexto recebido, é o que irá definir e explicar as seleções tradutórias (BERGMANN, LISBOA, 2013).

Concomitantemente, a tradução exige uma percepção da letra como influente para

⁸ “Le traducteur doit avouer qu'il tente, de con mieux, de suivre et de retrouver le mouvement souterrain de cette pensée exploratoire; et d'épouser toutes les singularités du langage *peçoanien* pour rendre l'extraordinaire saveur d'inconnu et de découvert qui est la leur”

exercer seu produto final. Segundo Berman (2013), a última dimensão da experiência tradutória é a restituição do discurso e reescritura da letra, isto é, durante a busca por um resultado, a tradução deve ter em mente não somente alternativas para restauração do sentido original, como também possibilidades de escrita. Este conceito envolve, sob consequência, uma ênfase em escolhas sintáticas que contribuem para o aspecto semântico desejado.

A estrutura do *Diário de Bernardo Soares* faz manter o formato epistolar, escrito com fragmentos cotidianos do protagonista, sendo eles em alguns momentos datados, e outros não. Essa construção molda o que chamaremos aqui de *capítulo* ou de *extrato*, enumerados a partir de uma sequência lógica (1,2,3,4...) conforme apresentadas na obra original. Para cada um destes fragmentos, um tema narrativo é apresentado, nos quais, em grande maioria dos casos, determina uma intenção do uso da palavra *saudade* naquele momento. Neste tópico, buscamos identificar as formas linguísticas e o contexto geral dos extratos em que são aplicadas, descrevendo sobretudo as características sintáticas primordiais da palavra, em sua versão original, e da sua tradução, referente a língua francesa. É importante reconhecer os termos de escolha em um primeiro momento, assim como ter em mente suas alterações, tendo em vista que esses elementos serão significativos para a compreensão e análise semântica proposta posteriormente.

A princípio apresentaremos os signos linguísticos escolhidos por Laye para realizar a tradução. Foram encontradas duas palavras utilizadas no decorrer da obra, das quais houve uma ocorrência de aproximadamente a mesma quantidade para ambas. A distinção entre elas, fora do âmbito semântico, aconteceu na diversidade morfológica e sintática acontecida com o primeiro termo, e pela ausência dessas deformidades no segundo.

A primeira ocasião em que encontramos o uso da palavra *saudade* é no capítulo 8, em uma narração que apresenta algumas características da vida ordinária de Soares, os seus afazeres como ajudante na livraria, e suas interações com os personagens mais relevantes do seu cotidiano. Nesse extrato em específico, observamos um destaque particular ao padrão do protagonista, chamado de *Patrão Vasques*. O sentido geral do uso do termo é a necessidade de criar uma angústia, ou um sentimento de falta que a ausência dessa figura (Patrão Vasques), ainda que não em todo amável, traria ao protagonista se caso houvesse um futuro em que ele já não fizesse mais parte do seu dia-a-dia.

Na versão francesa, é também a primeira aparição de uma tradução, escolhida por Françoise Laye, para *saudade* no livro. É importante destacar esse fator, considerando que a não-supressão da palavra (como em certos momentos será possível observar ocorrência) indica uma escolha que direciona a continuidade do livro. Na tradução, o primeiro emprego que o

tradutor designa para determinada palavra é um acontecimento de relevância imensurável, tendo em vista que, uma vez utilizada, espera-se que ela seja sustentada para uma concordância textual. Adequar-se de uma terminologia para a tradução de um termo auxilia não somente na consistência textual, como na precisão integrada semântica do livro.

Embora, Laye utilize um aspecto interessante de alternância para a tradução da palavra aqui analisada, a forma selecionada para uma primeira aparição é uma que se mantém em grande parte da obra, sendo esta o substantivo *regret*⁹. Observemos então o Quadro 1 comparativo abaixo:

QUADRO 1: TRECHO 1

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência
“O patrão Vasques. Lembro-me já dele no futuro com a saudade que sei que hei de ter então.”	Extrato 8 página 20	“Le patron Vasquès. Je me souviens déjà de lui au futur, avec le regret que, je le sais d’avance, j’éprouverai alors.”	Página 46

O Quadro 1 é organizado de modo que encontramos o trecho original, em português, e o mesmo trecho traduzido na obra de Laye. O que podemos perceber, de acordo com este quadro, é que a palavra *saudade* é manifestada como substantivo singular, e esse aspecto é mantido na tradução com a palavra *regret*. Entretanto, isso não se mantém na segunda menção do termo, ainda no mesmo capítulo, como podemos observar no Quadro 2.

QUADRO 2 - TRECHO 2

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Seja onde estiver, recordarei com saudade o patrão Vasques, o escritório da Rua dos Douradores, e a monotonia da vida cotidiana será para mim como a recordação dos amores que me não foram advindos, ou dos triunfos que não haveriam de ser meus.”	Extrato 8 página 20	“Où que je me trouve, je me rappellerai, plein de regrets , le patron Vasquès et la rue des Douradores, et la monotonie de la vie quotidienne sera pour moi comme le souvenir d’amours non advenues, ou de victoires que j’étais destiné à ne jamais remporter”	Página 46

⁹ Do francês, significa *pesar, lamentação, arrependimento*

Na ocorrência representada no Quadro 2, podemos encontrar uma diferença sutil na aplicação do primeiro termo utilizado na tradução, porém de grande significância estrutural e até mesmo semântica. A utilização do termo *regret* é mantido, porém o indicador de número é aumentado, considerando que o termo no original encontra-se no singular, e o termo francês possui a marca do plural (*regrets*). Outro fator interessante a ser percebido é a adição de um intensificador ao substantivo. O *plein*¹⁰ é utilizado como uma forma de acentuar o sentimento expresso nesse segundo emprego. Há portanto duas proposições de quantidade nessa tradução: a marca da pluralidade com o “s”, e a marca de intensidade com o adjetivo “plein” que traz uma conotação de “maior”, “mais”.

Semanticamente, essa construção nos indica algo sobre a significância da palavra *saudade*, não somente na versão francesa, mas também na original. Considerando que o termo *regret* foi mantido, entende-se que a alteração não se dá pela base semântica da palavra, porém compreende-se uma diferenciação de potência aplicada pelo contexto do trecho. Na primeira aparição (no Quadro 1), a palavra *saudade* expressa um sentimento nostálgico não existente, porém não inteiramente negativo e de conotação passageira. Em contraposto, no uso do segundo trecho há uma conotação mais acentuada, considerando que seria algo profundo e importante o suficiente para ser contínuo. A utilização do *plein* pode ser considerada, conseqüentemente, como uma interpretação dessa diferença de comportamentos que a *saudade* exerce no protagonista.

Em determinadas situações do texto, a tradução de Laye admite uma consideração para a gramática da língua francesa, adotando uma forma de “domesticar”, na concepção de Venuti (2019), uma estratégia para a escrita do francês no livro. Um exemplo dessas formas são as alterações que fazem uso da base radical do *regret*, as quais variam ainda em classe gramatical. Se nos dois primeiros usos da palavra ela se mantém como substantivo, ainda que com fatores de diferenciação semântico, o terceiro caso traz uma nova forma à composição. Observemos abaixo no Quadro 3:

QUADRO 3 - TRECHO 3

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Terei saudades do Moreira, mas o que são saudades ”	Extrato 18 página 24	“Je regretterai Moreira, mais que sont les regrets au regard de ces grandes ascensions?”	Página 52

¹⁰ Do francês, significa *cheio, pleno, completo*.

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
perante as grandes ascensões?”			

O substantivo é deixado de lado para cumprir um fator funcional da língua francesa referente a conjugação verbal. Considerando a estrutura do francês e suas regras gramaticais, especificamente de estruturação verbal, o sujeito desinencial não poderia ser passado ao francês, já que tal formato não existe na língua. Além disso, o uso do futuro aqui possui um fator dissonante: apesar de existir uma coordenação do verbo *ter* para o futuro na língua francesa como acontece no português, não é uma forma tão comum. Sendo assim, a tradutora escolhe por aproximar de seu público alvo, transmitindo sob uma mesma mensagem, a ideia de futuro através da transformação de um substantivo em um verbo. É desta forma que na terceira variação da base *regret* encontra uma verbalização a partir da estrutura *regretterai*.

É uma construção que reaparece com frequência nos períodos de tradução ao decorrer dos extratos, entretanto, percebe-se uma utilização de casos específicos para este formato. Tomando por exemplo o mesmo período existente no capítulo 18, a aparição da palavra *saudade* é remarcada em dois momentos. No entanto, ainda que a verbalização aconteça em um primeiro momento, a escolha utilizada para essa tradução recebe uma alteração logo em seguida. Observemos com focalização no segundo período destacada conforme o Quadro 4.

QUADRO 4 - TRECHO 3.1

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Terei saudades do Moreira, mas o que são saudades perante as grandes ascensões?”	Extrato 18 página 24	“Je regretterai Moreira, mais que sont les regrets au regard de ces grandes ascensions?”	Página 52

A palavra *saudades* aparece, em sua posição original da obra, com a substancialização plural do termo. Na frase, há uma escolha enfática utilizada pelo autor através de uma característica da língua portuguesa. A reutilização do termo em uma construção interrogativa formada logo após a colocação inicial de uma afirmativa, gera uma ênfase para a significância e, conseqüentemente, questiona a relevância do que lhe foi previamente dito. O uso do *mas* também incorpora um grande modificador para tal sentido determinante dessa elaboração estilística ao observarmos o período “*mas o que são saudades perante as grandes ascensões?*”.

A tradução, possuindo essa uma responsabilidade sistemática, tende a buscar alternativas para capturar elementos que poderão ser perdidos na delegação linguística

ocorrente (BRITTO, 2012). Nessa passagem, o conteúdo semântico utilizado ganha força sobre a norma sintática e estabelece uma performance comunicativa que demarca o uso substantivo da palavra. A ação exercida pelo uso do verbo (*regretter*) tem como consequência os acontecimentos substantivos (*les regrets*), fazendo assim que o leitor consiga identificar o movimento de ênfase que acontece com o significado da palavra nesse trecho.

Desta forma, a escolha tradutória se diferencia primordialmente pela feição semântica exercida através da interpretação da tradutora. Este é um acontecimento que deve ser reconhecido em mais de um momento no processo de análise, tendo em vista seu fator de primordialidade na tradução do livro de objeto. É também o contexto semântico que nos permite identificar uma segunda forma tradutória para a palavra *saudade* utilizada por Françoise Laye. Este novo termo diferencia-se de *regret*, pois não é trabalhado com variações, exercendo uma posição única de substantivo.

O termo a qual fazemos referência aqui é a palavra *nostalgie*, comumente visto na língua francesa como uma forma de tradução para *saudade*. Entretanto, pode-se perceber que ao decorrer da tradução a recorrência desse termo é subjetiva, e apesar de equivalente em quantidade, não remete um valor semântico similar. Antes de adentrarmos no entendimento semântico da aplicação destes dois usos, observemos primeiro a tradução de *saudade* para *nostalgie*.

QUADRO 5 - TRECHO 4

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Ah, é a saudade do outro que eu poderia ter sido que me dispersa e sobressalta.”	Extrato 30 página 29	“Ah” c’est la nostalgie de cet autre que j’aurais pu être que me désagrège et qui m'angoisse”	Página 60

O extrato 30, capítulo em que o essa citação aparece, é dedicado a uma reflexão sobre a vida passada do protagonista. É nesse momento que somos apresentados pela primeira vez sobre a história de sua infância, o abandono de seu pai e a morte de sua mãe. As reflexões de Soares giram em torno desses acontecimentos antigos que geraram seu comportamento inexpressivo do presente. A *saudade*, portanto, aparece como sinônimo de ausência, utilizada para descrever o desejo de sentir algo que não sentiu, ou de viver algo que não viveu.

A *nostalgie* surge como substantivo e, devido a não existência de variações para tal palavra na língua francesa, não se modifica em nenhuma ocorrência. Em virtude disso, a tradutora faz valer de marcas temporais para apresentar sua significância, ou de adjetivos¹¹ para completar o sentido. Os verbos das orações que possuem *nostalgie* como objeto são usualmente conjugados no pretérito, como é o caso da frase apresentada no Quadro 5. É possível observar

¹¹ Exemplos desse uso adjetival estarão disponíveis nos apêndices do trabalho.

na construção “*la nostalgie de cet autre que j’aurais pu être*” a marca do pretérito na formação “*j’aurais pu*”, passado condicional no francês do verbo “*pouvoir*”.

Em outros momentos, o presente é também pode ser visto acompanhando o termo. Em ambos os casos, a expressão de presente e passado também é trabalhada no original, de modo que a adaptação acontece diretamente com a palavra saudade em específico. Observemos o Quadro 6 para exemplificação do uso do tempo presente.

QUADRO 6- TRECHO 5

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“É de quadros que tenho saudades. ”	Extrato 208 página 133	“C’est de tableaux que j’ai la nostalgie ”	Página 236

Nessa ocorrência, o verbo “*avoir*” é conjugado no presente da primeira pessoa (*ai*) como acontece no original. A diferença, entretanto, quando comparamos o uso de *regret* e de *nostalgie* é que a verbalização não aparece no segundo caso, de modo que o verbo do português (nesse exemplo, o verbo “*ter*” com “*avoir*”) se mantém na tradução, assim como sua conjugação.

Desta forma, *nostalgie* e *regret* alternam-se em uso durante toda a tradução, tendo a maioria das ocorrências seguidas dessas características apresentadas. Outras construções foram encontradas, porém com menor frequência ou de episódio único, como é o caso da formação que emprega ambos os termos em uma única sentença, ou a supressão por completo da palavra saudade na tradução¹². Por essa razão, desconsideramos a análise semântica dessas aplicações em favor de priorizar os usos mais recorrentes, tendo em vista os propósitos deste trabalho.

Em decorrência da localização e da compreensão estrutural das formas aplicadas na tradução de Laye, sendo elas *nostalgie* e *regret*, apresentadas nesse tópico, passamos ao processo de investigação semântica da pesquisa.

4.2 L'INTRANQUILLITÉ: ANALISANDO A TRADUÇÃO DO “INTRADUZÍVEL”

Diante do viés teórico que percebe a tradução do *sentido pelo sentido* compreendemos, em termos gerais, os seguintes fatores: i) a tradução é um processo de transformação da

¹² Incluímos exemplos dessas ocorrências nos apêndices do trabalho.

linguagem, na qual, um ato linguístico é sobreposto a uma reformulação, de mesmo sentido, para uma nova forma de linguagem, seja ela de mesma língua, de língua diferente, ou de um ato comunicativo excedente do verbal; ii) a tradução parte da experiência, necessitando de uma compreensão das línguas principais envolvidas no ato de traduzir e, igualmente relevante, um entendimento cultural extensivo de ambas as sociedades (de qual se traduz e para qual se traduz).

Através dessa percepção, o valor semântico atribuído à uma tradução denota um conjunto de pressuposições que envolvem a visão cultural da língua fonte e da língua alvo. Essas implicações nos auxiliam a perceber a significância da palavra em ambos os idiomas, além de caracterizar um processo de escolha tradutória tomada pelo tradutor. Segundo Venuti (2019), a estrangeirização e a domesticação da tradução, refletidas através dos valores semânticos que constituem uma forma estrutural (o signo), são capazes de alterar a recepção do público quanto a obra. Por essa razão, quando encontramos na tradução feita por Françoise Laye as formas morfológicas *regret* e *nostalgie* podemos identificar, em primeiro momento, uma decisão que foge do esperado nas traduções da saudade na literatura francesa. Isto porque, popularmente, a tradução da saudade resulta na forma de “sentir falta” que em francês corresponde ao termo *manquer*¹³. Esse termo não aparece em nenhum momento em referência a saudade na obra, sendo desassociado completamente desse sentido. Podemos inferir por meio dessa observação que o objeto literário em que se aplica a saudade requer, semanticamente, um termo que compreenda uma significância maior que apenas “faltar”.

Em contrapartida, *nostalgie* é um termo frequentemente utilizado para a saudade na literatura, o que justifica sua aplicação na tradução. A cargo de referência, outras línguas usufruem do termo para realizar a tradução de romances que possuem a palavra saudade no original, como é o caso da versão inglesa e espanhola do *Livro do Desassossego*, traduzidas respectivamente por Margaret Full Costa e Manuel Moya. Observemos os exemplos da tradução do mesmo trecho apresentado no Quadro 1 em ambas edições no quadro abaixo.

QUADRO 6 - TRECHO 1: INGLÊS E ESPANHOL

PORTUGUÊS	Referência
“O patrão Vasques. Lembro-me já dele no futuro com a saudade que sei que hei de ter então.”	Página 20
INGLÊS	Referência

¹³ Verbo infinitivo; faltar, fazer falta.

PORTUGUÊS	Referência
“Senhor Vasques. I remember him now as I will in the future with the nostalgia I know I will feel for him then.”	Página 314
ESPAÑHOL	Referência
“El patrón Vasques. Me acuerdo de él en el futuro, con la nostalgia que sé que he de tenerle entonces.”	Página 125

Quando comparamos essas três versões, percebemos que a tradução francesa é a única que faz uso de dois termos, assim como é a única que compreende uma palavra com a significância de *regret* para traduzir saudade. Esse fato nos indica algo essencial para a análise: entendemos aqui que há uma especificidade na forma em que a saudade é vista na cultura francesa, de modo que sua tradução varie da tradução convencional.

Podemos inferir ainda que esse uso é derivado da polissemia contida na interpretação da saudade *persona*, como identificada por Pereira Junior (2014) ao apontar termos de aflição e de alegria em sua definição. Isso reflete diferentes significados de acordo com o momento e o contexto em que ela aparece no diário de Soares. Desse modo, a primeira conjectura que somos capazes de fazer sobre a tradução de Laye, é referente a escolha da tradutora de realçar essa diferença semântica através de diferentes signos; portanto, entendemos que a equivalência entre *regret* e *nostalgie* é parcial e subjetiva.

Para desenvolver uma melhor compreensão sobre a implicação da distinção no uso desses termos, precisamos primeiramente observar seu sentido atrelado à contextualização dos capítulos em que a palavra se mostra presente. Desta forma, selecionamos dois extratos da obra com o intuito de verificar a semântica desses termos e identificar as marcas que os distinguem, e o que leva a aplicação dos dois na tradução.

O primeiro trecho escolhido faz parte do extrato 92, capítulo em que há uma ocorrência de cinco menções à palavra saudade ao todo. O ponto de interesse nesse produto em específico está na relação entre as cinco menções e quatro traduções, as quais ocorreram de modos diferentes para cada: *regret* como substantivo, *regret* como substantivo acompanhado de um adjetivo, *nostalgie* e uma ausência de tradução.

A narração do extrato é uma reflexão sobre a ausência do desejo do protagonista pela vida real, e um forte apego pela criação de uma realidade imaginária que lhe faz mais contente que o ato de viver. Preso nessa idealização, Soares divaga sobre memórias passadas que não são de fato reais, e sobre desejos para um futuro inexistente, como ele elabora na sentença

“Pertenci sempre ao que não está onde estou e ao que nunca pude ser” (PESSOA, 2019, p. 67). Em ambos os casos ele expressa a saudade desse impossível.

Na interpretação geral a saudade aparece como um sentimento intenso (e talvez doloroso) de querer de volta/sentir falta de algo que não aconteceu. Nessa reflexão, o sentimento é o sujeito da ação. Ele é intenso, mas não é o suficiente para recriar os momentos e retomar os desejos que tanto almeja. Essa abordagem retoma a conceituação Bertini (2016) que toma saudade como permanência da ausência de algo que se ama/deseja. Soares sofre com a saudade de sonhar com boas memórias como ele fazia no passado. O trecho que melhor corresponde a essa definição é encontrado no extrato 92 e possui sua tradução com o termo *nostalgie*.

QUADRO 7 - TRECHO 6

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Aqui o não poder sonhar inteiramente doía-me. As feições da minha saudade eram outras.”	Extrato 92 página 69	“Dans de tels cas, ne pas pouvoir rêver totalement m’était une souffrance. Le visage de ma nostalgie était différent, comme les geste de mon désespoir”	Página 123

A *nostalgie* é uma palavra com significado tão profundo para os francófonos como a saudade para os lusitanos. Segundo o *Dicionário Enciclopédico Larousse* (2023), *nostalgie* é uma tristeza e um sofrimento por estar longe da terra de origem. Sua diferença com a saudade provém da derivação do grego *nostos*, que significa “voltar para casa”, mais o acréscimo do termo *algos*, que significa “dor” (MASI, 2018). Se a saudade advinda do latim compreende a conceituação da solidão por não estar com seu povo, a nostalgia provinda do grego remete à dor de voltar para casa após um longo período de guerras. Este último, apesar de ser visto como glorioso nos períodos romanos, não evoca nenhum sentimento de positividade, contrariando a saudade.

Para Quillier (2011), a *nostalgie* seria como uma emoção substancial para o tédio, a falta e a melancolia proposta pelo acontecido ou o não acontecido, enquanto a saudade reflete um “semantismo” que mistura indissociavelmente a dor e a felicidade. Na cultura francesa, Emil Cioran, escritor romeno, é quem propulsiona a noção de *nostalgie* como emoção simbólica e de intensidade equivalente a saudade quando traz a conceituação de uma *nostalgie absolute*; essa ideia consiste na percepção de um sentimento que considera o tempo como maior inimigo (BORGES, 2017).

Paulo Borges (2017), ao analisar e comparar a saudade de Fernando Pessoa com a nostalgia de Cioran, chega a conclusão que esta última possui um sentido mais negativo quanto às consequências da vida frente ao tempo, como podemos ver na sua afirmação: “a ‘nostalgia do absoluto’ visa emancipar a consciência das coordenadas fundamentais do ser no mundo, seja ele se livrando ‘deste parasita que é o tempo’” (BORGES, 2017, p. 50, tradução nossa).¹⁴

Essa conceituação nos auxilia satisfatoriamente para compreender o que motiva Laye a utilizar *nostalgie* somente em alguns momentos da tradução. Se observamos as noções semânticas atribuídas a este termo, temos o discernimento do passado como determinante para sua concepção; até mesmo no *Minidicionário Livre da Língua Portuguesa*, de Santiago-Almeida, encontramos a sua definição como “a saudade de algo que se deixou de ter, desejo de voltar ao passado”¹⁵. Sendo assim, podemos concluir que a nostalgia refere-se somente ao que já aconteceu, ou que poderia ter acontecido, mas que expresse, semanticamente, uma ideia de pretérito.

Tendo isso em vista, nos debruçamos sobre as traduções que utilizam *nostalgie* como referência na proposição de Laye. Nos Quadro 5, Quadro 6 e Quadro 7, é possível enxergar a marca do pretérito tanto sintaticamente, como mencionado no capítulo anterior, quanto semanticamente. No trecho 6, apresentado no quadro 7, a saudade que Soares menciona é referente aos sonhos que ele tinha na infância, quando imaginava uma vida diferente. Ainda que o sentimento seja experienciado no presente, o acontecimento do qual se sente saudades foi vivenciado no passado, portanto a nostalgia torna-se uma possibilidade de tradução quando expressada dessa forma.

O mesmo acontece no segundo extrato escolhido para nossa análise, no capítulo 180, localizado na página 116 na versão portuguesa e 199 na versão francesa. Nessa parte narrativa a palavra aparece novamente diversas vezes, totalizando cinco ocorrências. A sua tradução corresponde a duas formas de *nostalgie*, duas formas da verbalização conjugada no futuro do vero *regretter* (*regretterai*) e uma no infinitivo. O funcionamento semântico da tradução que utiliza *nostalgie* como equivalente é quase similar ao descrito anteriormente, a distinção ocorre somente no encargo temporal: ao invés de se valer a partir de um passado claro, o sentido se baseia na noção de agora como algo já ocorrido. Para compreender essa afirmação, observemos a construção no Quadro 8.

¹⁴ La “nostalgie de l’absolu” vise à émanciper la conscience des coordonnées fondamentales de l’être-dans-le-monde, que ce soit en le débarrassant “de ce parasite qu’est le temps”

¹⁵ Minidicionário Livre da Língua Portuguesa, Santiago-Almeida (2011), vocábulo nostalgia, p. 499

QUADRO 8 - TRECHO 7

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Tenho saudades da hipótese de poder ter um dia saudades , e ainda assim absurdas.”	Extrato 180 página 116	“J’éprouve la nostalgie de l’hypothétique possibilité d’éprouver un jour de la nostalgie , même absurde”	Página 199

As saudades que Soares possui é algo que ele já sente no presente momento. O posicionamento verbal auxilia nessa compreensão. Tanto na primeira menção, quando faz referência ao que está acontecendo no agora, mas poderá ser considerado passado em alguns instantes, quanto na segunda menção, quando ele deseja sentir o sentimento que evoca lembranças ao passado, a noção de acontecimento ocorrido fica evidente nas construções semânticas.

É necessário lembrar que a tradução, como elemento hipertextual, está sujeita a sofrer alterações que deformam o texto inerentemente, como propõe Berman (2013). Em uma língua cuja valorização culta é bem aclamada na literatura, como a língua francesa, construir um sentido aproximado do original através de uma significância existente na cultura alvo da tradução implica dizer que a tradução escolheu tomar por base um caminho que equilibra a infamiliaridade do termo com os conhecimentos do público. Segundo Venuti (2019), a própria criação de notas de rodapé pode ser uma forma de restringir os leitores da tradução, de modo que, ao escolher *nostalgie* como termo familiar a saudade portuguesa, sem o acréscimo de explicações ou alongamentos (com exceção aos adjetivos), Laye faz uso dos recursos culturais da língua fonte para se aproximar do original, sem perder a finalidade poética da língua alvo, ainda que este fator semântico não seja equivalente o suficiente para ser considerada uma tradução completa, como propõe Derrida (1996).

Por outro lado, ainda que a estrangeirização aconteça, de certa forma, com o uso de *nostalgie*, a forma do *regret*, seja ele em substantivação ou verbalização, demonstra uma domesticação quando pensamos que seu emprego é caracterizado pela exclusividade da língua francesa. A tradução para o inglês e para o espanhol observadas não fazem uso de uma tradução que equivale ao significado de *regret*, de modo que é um uso que parte da cultura francesa.

O Dicionário Larousse¹⁶, edição português-francês, apresenta a definição de saudade utilizando tanto o termo *nostalgie*, quanto a expressão *regret tendre* (lamento terno) ou ainda

¹⁶ Dictionnaire Larousse Français- Portugês, edição de 1957, vocábulo saudade, p. 690

souvenir doux et triste (lembrança doce e triste). Esse mesmo dicionário, define *regret* como um pesar, e tem a tradução direta como “ter saudade” quando referente ao verbo, *regretter*. Sua concepção semântica é enfatizada como um desprazer, um incomodo causado pela não realização de um desejo. Em uma aproximação para o português, podemos entendê-la como arrependimento.

Na cultura francesa o *regret* é constantemente associado à nostalgia. Tendo em vista que a lamentação provém daquilo que não foi possível ter, e a nostalgia francesa tem uma condição direta com a impossibilidade, os dois conceitos são atrelados como uma derivação. Compreende-se, nessa perspectiva social, uma ideia de que o arrependimento (o *regret*) seria a consequência da nostalgia. Na literatura, o romancista francês Marcel Jouhandeau (1888 - 1979) aborda esse termo como frutos das lembranças, sobretudo afirmando que a vida é o que habita entre as esperanças e os arrependimentos.

Por essa razão, existem dois fatores que podemos propor como implicações do uso do *regret* para tradução da saudade na versão de Laye: i) a saudade, na perspectiva da sociedade francesa, é um sentimento inerente a melancolia, não passível a convenções que remetem a alegria, de modo que em momentos que ela conota mais aflições na obra de Pessoa, Laye utiliza *regret* para tradução ; ii) a nostalgia compreende a forma do passado para sua significancia, de forma que quando Pessoa descreve a saudade a partir de um ponto de vista futuro, a verbalização acontece na tradução, derivando na forma verbal *regretter*.

Um exemplo para a primeira suposição pode ser encontrada no extrato 92, escolhido para a análise, como o trecho 8.

QUADRO 9 - TRECHO 8

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram”	Extrato X página X	“Non, il n’est pas de regret plus lancinant que le regret des choses qui n’ont jamais été”	Página X

Esse trecho nos auxilia a enxergar muito bem a percepção de melancolia na interpretação. A própria relação de dor com a saudade é apresenta na oração “não há saudades mais dolorosas”, ao passo que, apesar de *nostalgie* compreender uma semântica mais negativa que a nostalgia portuguesa, o sentimento de pesar fica mais evidente nessa situação; a tradutora opta, portanto, por exprimir essa funcionalidade através de uma adaptação já conhecida para o

público francês. Há, de certa forma, uma domesticação sentimentalista ocorrente nessa escolha, que afasta os elementos positivos do sentido da palavra em favor de uma familiarização para o público.

Já a segunda hipótese é comprovada a partir de um conjunto de usos no extrato 180, também escolhido para análise. Consideremos dois trechos retirados desse extrato em que ambas as traduções foram feitas com a verbalização de *regret*, com conjugação no futuro. Os exemplos estão apresentados no Quadro 10.

QUADRO 10- TRECHO 9 E 10

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Terei saudades , não só porque essa vida fruste é passado e vida que não mais terei, mas porque há em cada espécie de vida uma qualidade própria e um prazer peculiar”	Extrato 180 página 116	“Je la regretterai , non seulement parce que cette vie fruste sera déjà le passé, donc une vie que je ne retrouverai plus, mais aussi parce que chaque genre de vie possède une qualité propre et nous fait goûter un plaisir particulier”	Página 199
PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Terei saudades de quando era fútil, fruste e imperfeito.”	Extrato 180 página 116	“Je regretterai l’époque où il était futile, fruste et imparfait”	Página 199

Em ambos os casos é possível enxergar a percepção do futuro em português através do verbo “ter”. A expressão “ter saudades” é substituída em uma simplificação por meio de *regretterai*, forma conjugada no futuro condicional no francês. Semanticamente, podemos interpretar essas duas passagens mediante ao uso do futuro na oração. A compreendemos como uma reflexão a respeito de um acontecimento que poderia vir a suceder com o passar dos anos na vida de Soares, ou melhor, de um sentimento passível de ser experienciado quando posto em local de memória.

Concluimos, a partir dessa análise, que a tradução de Françoise Laye leva em consideração a semântica como fator principal para estabelecer termos que se familiarizem com a cultura francesa. Existe um equilíbrio entre a aproximação e o distanciamento da tradução com a forma original da saudade, porém a prioridade em atingir uma satisfação majoritária do público francês (retomando aqui as relações das *belles infidèles* na tradução na França) pode

ser vista através de como as escolhas tradutórias são tomadas (divergindo de outras traduções, como a do inglês e a do espanhol, e utilizando a literatura e a definição clássica francesa para emprego semântico dos termos).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia discorremos sobre a tradução como produto derivado de um conjunto de elementos linguísticos culturais que recebem influências externas derivadas de uma escolha tradutória. Trabalhamos os conceitos que permeiam a teoria da tradução, investigando desde de os métodos gerais, com a dualidade metodológica (*palavra por palavra e sentido por sentido*) (OUSTINOFF, 2011) e a percepção da equivalência (FUJIHARA, 2010), até a validação do papel e da responsabilidade do tradutor no considerar da tradução, utilizando autores como Berman (2013), Venuti (2019), Nord (2016) e outros para entender como ocorre o processo de elaboração de uma tradução e que fatores estão contidos nesse produto final.

Essa teorização foi fundamental para respondermos nosso objetivo principal de encontrar as formas tradutórias para a palavra saudade, cuja percepção do intraduzível foi estabelecida pela representação identitária que ela possui para o povo português (BERTINI, 2016) dificultando sua tradução para outras línguas, na obra traduzida de Fernando Pessoa, intitulada *Livro do Desassossego*, para o francês. A tradução, realizada por Françoise Laye, conta com uma diversificação quando comparada a outras versões (em outros idiomas) por refletir características da cultura francesa através das escolhas tradutórias, de modo que nos propomos a investigar quais eram as formas de maior recorrência para tradução, e quais implicações o emprego dessa seleção poderiam ser percebidas, sob o viés semântico, morfológico, sintático e cultural da tradução.

Como resultado dessa pesquisa, encontramos duas formas recorrentes para a tradução da palavra saudade na tradução do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, feita por Françoise Laye em 1999: *regret* e *nostalgie*. Essas duas formas variaram semanticamente e estruturalmente da proposição da palavra saudade portuguesa por se basearem em duas condições relevantes para a cultura francesa: a forma linguística e a percepção de tempo. Esses

fatores contribuíram para concluirmos que, em favor de suprir a ausência de uma palavra única que possuísse uma polissemia similar a saudade, a tradução francesa optou por equivaler elementos da definição dos sentimentos de nostalgia e lamentação às concepções de memória a partir da consciência temporal de passado e futuro.

O caminho tomado para a realização da tradução implicou na caracterização de um uso aproximado e, ao mesmo tempo, distanciado do conceito original da saudade. Isto devido a influência da visão de mundo presente na língua francesa que limitou a amplitude semântica da saudade, mas contornou esse afastamento com a tentativa de se assemelhar através das distinções de sentido tomadas através da posição de memória do passado e memória do futuro.

Concluimos nosso trabalho com a resolução de que, a tradução, ainda que estabelecida de forma limitada, irá buscar formas de superar os elementos que não podem ser entendidos com precisão através do resgate de outros componentes da linguagem, sejam eles estritamente linguísticos ou culturais. Ressaltamos que não objetivamos confirmar a intraduzibilidade como unidade concreta, mas sim abrir portas para investigações sobre as especificidades que a língua carrega consigo na sua constituição cultural, e como podemos propagar essas peculiaridades através da tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, L. M., RODRIGUES, C. C. STUPIELLO, E.. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
- ANTUNES, A. **Saudade e profetismo em Fernando Pessoa**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.
- AZENHA, J. J. In: CRUZ, Celso. **Metamorfoses de Kafka**. São Paulo: Annablume, 2007.
- BAKER, M. **Corpus-based Translation Studies: The Challenges that Lie Ahead', in Harold Somers (ed) Terminology, LSP and Translation: Studies in Language**. Engineering in Honour of Juan C. Sager, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma nova proposta**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 2007.
- BASSNETT, S. **Translation Studies**. 2º ed. Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- BERGMANN, J.C.F. LISBOA, M.F.A. **Teoria e prática da tradução**. Curitiba: Entre Saberes, 2013.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Marie-Hélène C. Torres et al (Trad.) Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- BERTINI, F. **O conceito de saudade (desiderium): a pertinência de uma tradução**. Santa Barbara: Portuguese Studies, University of California 2016.
- BORGES, P. **Saudade et nostalgie de l'absolu chez Fernando Pessoa et Emil Cioran**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017.
- BRAZ, A. **L'intraduisible en question: l'étude de la saudade**. RiLUnE, n 4. 2006, p. 101-121.
- BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, G. **O que é tradução?**. São Paulo: Editora Brasiliense, S.A, 1986.

- CATFORD, J. C. **Uma teoria Lingüística da Tradução**. (tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas). São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Portugal: Revista Portuguesa de Educação, 2003.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 4° ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DERRIDA, J. **Le monolinguisse de l'autre**. Paris: Galilée, 1996.
- DERRIDA, J. **L'écriture et la différence**. Paris: Édition du Seuil, 1967.
- ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Eliana Aguiar (Trad.) Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FIGUEIREDO, V. A. C. C. **Fernando Pessoa e a tradução**. Revista de Traducción e Interpretación. Coimbra, 2005.
- FUJIHARA, A. K. **Equivalência Tradutória e Significação**. Curitiba, 2010, p. 152. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná.
- GIMENEZ, E. **Etimologia de substantivos indicativos de sentimentos e estados de tristeza, no português**. São Paulo, 2021, p. 138. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo.
- GUIDÈRE, M. **Introduction à la traductologie**. 3° ed. Paris: De Boeck supérieur, 2016.
- GUIMARÃES, R. P. N. **Tradução técnica: Explorando os procedimentos técnicos da tradução em manuais de instruções**. João Pessoa, 2019, p. 66. Monografia (Graduação em Tradução) - Universidade Federal da Paraíba.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes (Trad.) 24° ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2010.
- LACHAUME, M. L. T. M. L. **Psicanálise e (in)tradução: quem buscar o 'pópatapátaio' do anti-léxico levará um pé na sua 'bolaca de tcherpo'!**. In: LIMA, E. et al. **E por falar em tradução**. São Paulo: Canal 6, 2021.
- LAMAS, M. P. **Reflexões sobre a saudade**. Lisboa: Imprensa José Fernandes, 2003.
- LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame**. Londres: Routledge, 1992.
- LIMA, F. S. **Análise da "Nova tradução na linguagem de hoje" da Bíblia à luz da analítica da tradução de Antoine Berman**. Campina Grande, 2016, p. 85. Monografia (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Campina Grande.

MACEDO, C. C. Q. et al. O papel do tradutor na história: a perspectiva da crítica francesa. In: **IV ENCONTRO NACIONAL CULTURA E TRADUÇÃO (ENCULT)**, João Pessoa, 2017..

MASI, J. **Ce sentiment qui nous rappelle: Déclinaison de la nostalgie chez Giorgio Caproni, Philip Larkin, Claude Esteban et Seamus Heaney**. Paris: Le Manuscrit, 2018.

MELO, C. A. PEREIRA, M. C. C. A Saudade, periódico de sentimentos identitários portugueses no Oitocentos brasileiro. **Revista Só letras**, Rio de Janeiro, nº 40, jul. - dez. 2020, p. 28 - 50.

MORETTINI, T. C. B. R. **Configurações passionais da saudade e da nostalgia no discurso musical do fado**. Londrina, 2020, p. 174. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina.

NIDA, E. **Towards a Science of Translating**. Leiden: Brill, 1964.

NÓBREGA C.V.A.R. **Maupassant contista traduzido em antologias brasileiras: Paratextos**. Florianópolis, 2014, p. 151. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina.

NORD, C. **Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática**. Meta Elisabeth Zipser et al. (Trad.) São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

ORICO, O. **A Saudade Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora S/A A Noite, 1948

ORTEGA Y GASSET, **Saudade, notas de trabalho**. Lisboa: Produções Editoriais Sete Caminhos, 2005.

OUSTINOFF, M. **Tradução : história, teorias e métodos**. Marcos Marcionilo (Trad.) São Paulo: Parábola, 2011.

PAES, J. P. **Tradução: A ponte necessária**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA JUNIOR, L. C. **Mitos da língua: o caso da palavra “saudade”**. Revista International Studies on Law and Education. CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do. Porto. 18 set-dez 2014.

PESSOA, F. **Livro do desassossego**. São Paulo: Principis, 2019.

PESSOA, F. **Le livre de l'intranquillité**. Françoise Laye (Trad.) Paris: Christian Bourgois éditeur, 1999.

POPPI, C. **Século XVII na França: Les Belles Infidèles, Racine e o modelo dos clássicos antigos**. Non Plus, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 29-43, 2013.

PYM, A. **Teorias contemporâneas da tradução. Uma abordagem pedagógica**. Ana Maria Chaves, Eduarda Keating, Fernando Ferreira Alves (Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SAMPAIO, R. D. Linguagem, cognição e cultura: A hipótese Sapir Whorf. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n° 56, nov. 2018, p. 229-240.

SISCAR, M. **Jacques Derrida, o intraduzível**. São Paulo: Alfa, 2000.

TORRES, M. H. C. **Variations sur l'étranger dans les lettres: cent ans de traductions françaises des lettres brésiliennes**. France: Artois Presses Université, 2004.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdã/ Filadélfia: John Benjamins, 1995.

VASCONCELOS, C. M. **A Saudade Portuguesa**. Aveiro: Estante, 1990.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Laureano Pelegrin et al (Trad.) São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VENUTI, L. **The Translator's invisibility: A history of translation**. London: Routledge, 2008.

WEIDMAN, J. ZAVAGLIA, A. **Domesticação e estrangeirização em duas traduções para o inglês de "A paixão segundo g.h.", de Clarice Lispector**. São Paulo: Cadernos de Tradução, 2017.

WOLF, M. **Uma "virada performativa" nos estudos da tradução? Reflexões em uma perspectiva sociológica**. Everton Gehlen Batista (Trad.) Porto Alegre, n. 48, 2022.

ZIPSER, M. E. POLCHLOPEK, S. A. **Introdução aos estudos da tradução: teorias, histórias e prática: 2º período**. Florianópolis, 2011.

APÊNDICE 1 - TRADUÇÃO: NOSTALGIE + ADJETIVOS

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Uma saudade , que é a de toda a gente por tudo, invade-me como um ópio do ar frio.”	Extrato 225 página 141	“Une nostalgie vague , celle de tout un chacun pour tout chose, m’envahit comme un opium émanant de l’air froid”	Página 239

Nessa ocorrência, similar a adjetivação ocorrida com o *regret*, a *nostalgie* recebe um complemento do adjetivo *vague* (vago) para gerar uma compreensão semântica mais enfática sobre o termo. Se no original a expressão da saudade é apresentada como um sentimento amplo, não direcionado especificamente a uma lembrança, a tradução transfere a indefinição da emoção através de um termo que tenha significado semelhante a esse vazio.

APÊNDICE 2 - TRADUÇÃO: REGRET + NOSTALGIE

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“Contudo que saudade do futuro, se deixo os olhos vulgares receber a saudação morta do dia iluminado que finda!”	Extrato 184 página 119	“Et pourtant! Quel regret nostalgique de l’avenir, si je laisse mes yeux ordinaires recevoir l’adieu déjà mort du jour lumineux qui lentement décline!”	Página 204

O uso de ambos os termos empregados na tradução pode nos indicar uma combinação de sentidos. A *nostalgie* expressa a ideia de um anseio melancólico pelo passado, enquanto o *regret* indica uma aflição sobre algo que não pode ser mudado. Nesse trecho, Soares aborda sobre uma saudade que já é sentida e continuará a ser sentida no futuro por ser insatisfatória como desfecho. Essa longevidade é interpretada como arrependimento que será carregado durante toda vida através das lembranças, explicando portanto a razão de solicitar os dois termos para realizar seu sentido por completo.

APÊNDICE 3 - ELIPSE DA TRADUÇÃO

PORTUGUÊS	Referência	FRANCÊS	Referência.
“A raiva de a saudade não poder reavivar e reerguer nunca é tão lacrimosa contra Deus, que criou impossibilidades”	Extrato 92 página 68	“Mon chagrin, devant l'impossibilité de ranimer et de relever ces créatures, ne connaît jamais de ressentiment plus vif envers Dieu (ce créateur d'impossibilité)”	Página 123

A não-tradução também nos proporciona um caso de análise. Podemos compreender a supressão do termo saudade na tradução como uma indicação de que, nesse trecho narrativo, o emprego da palavra não reproduz um sentido que possa ser expressado na língua alvo, mas cuja significância não gera alteração na leitura traduzida. No caso aqui exemplificado, a ausência da palavra não gera uma problemática no sentido, de modo que o uso do que Berman (2013) chama de clarificação (a explicação de uma determinada ação dentro da própria tradução) é o suficiente para construir um sentido equivalente ao original. Porém, outra explicação pode ser encontrada para a elipse dessa tradução nesse caso na qual é levada em conta a menção a palavra outras vezes em momentos anteriores nesse capítulo (extrato 92), de modo que a sua supressão pode ter acontecido devido a repetição dessas formas em outras sentenças. Ainda assim, compreender essa escolha requer uma observação mais detalhada sobre a obra, o trecho e o estilo de tradução de Laye, como objeto de análise específico.